

SOMOS
TODOS
HABITANTES
DESSAS
ÁGUAS





SOMOS
TODOS
HABITANTES
DESSAS
ÁGUAS

Concepção e Curadoria Geral
Ruth Albernaz

Expografia
Rubens Florêncio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Even3 Publicações, PE, Brasil)

S586d Silva, Alice Vitória da.

Divulgação Científica: como tornar a sua pesquisa mais acessível [Recurso eletrônico] / Alice Vitória da Silva. – 1. ed.

– Recife: Even3 Publicações, 2021.

1 livro digital : il. color.

Título da Capa: Ebook Even3

DOI: 10.29327/533135

ISBN: 978-65-5941-177-1

1. Ciência. 2. Divulgação. 3. Pesquisa. I. Silva, Alice Vitória da (org). II. Título.

CDD 001.42

CDU 001.9

**Departamento Nacional do Serviço Social do
Comércio - Sesc**
Presidente do Conselho Nacional do Sesc

**Presidente da Confederação Nacional do
Comércio (CNC)**
José Roberto Tadros

**Diretor-geral do Departamento Nacional do
Sesc**
José Carlos Cirilo

Diretoria de Operações Compartilhadas
Maria Elizabeth Ribeiro

POLO SOCIOAMBIENTAL SESC PANTANAL
**Gerência-geral do Polo Socioambiental Sesc
Pantanal**
Cristina Cuiabália Neves

Assessoria de Comunicação e Relacionamento
Rodrigo de Oliveira Tavares Leite

Secretaria Administrativa
Valéria Anjos

Assessoria Técnica
Rúbia Ayoub

Gerência Administrativa e de Operações
Kleiton Antunes

Gerência de Infraestrutura
Ricardo Bohn

Gerência do Hotel Sesc Porto Cercado
Andrea Mafra

Núcleo de Alimentos e Bebidas
Francini Ferrari

Gerência do Sesc Poconé
Paulo Sérgio

Núcleo de Programas Sociais
Renata Dichoff

Núcleo Parque Sesc Serra Azul
Anderson Florêncio

Núcleo RPPN Sesc Pantanal
Alexandre Enout

Núcleo Parque Sesc Baía das Pedras
Leo Malagoli

**PROJETO SOMOS TODOS HABITANTES DES-
SAS ÁGUAS**
Concepção e Curadoria Geral
Ruth Albernaz

Expografia Geral
Rubens Florêncio

Designer Gráfico
Maurício Mota

Diagramação
Maurício Mota
Wallace Marquis

POLO SOCIOAMBIENTAL SESC PANTANAL
**Gerência-geral do Polo Socioambiental Sesc
Pantanal**
Cristina Cuiabália Neves

Assessoria de Comunicação e Relacionamento

Analistas

Isabela Ferreira da Silva

Lucas Brust Calheiros

Assessoria de Imprensa (Caféina Conteúdos Inteligentes)

Gabriela da Silva Sant'Ana

Samantha Col Dellbela

GERÊNCIA DE INFRAESTRUTURA

Arquiteta

Ângela Maria Ferreira Flor

Engenheiro

Jean Carlos Sinhorini

SESC POCONÉ

Coordenação Administrativa e Operacional

Dayana Bedóia

Coordenação de Cultura

Josenira Fernandes

Analistas

Anielly Cristine Prado de Abreu

Claudia Patricia de Oliveira Borges Costa

Michel Santos Lima

Montagem e manutenção

Alessandro Batista

Josemar da Costa Silva

Odenil Sebastião de Lima

Roberto Barbieri

Rogério Francisco

Ruth Albernaz

Valquiria Correa

Wellinton Luiz de Arruda e Silva

RPPN SESC PANTANAL

Coordenação Administrativa

Mário Silva Amorim

Serviços Operacionais

Alessandro Rodrigues de Amorim

JARDIM DOS SENTIDOS

Site específico

Ruth Albernaz

Paisagismo

Édina Gomes

Obras

Murundu

É no Pantanal que nascem os pássaros

PARCEIROS NA EXECUÇÃO

Cerâmica

Ludmila Brandão

Corten

Grupo UFA

Serralheria

Serralar

**A vida
acontece
com o Sesc**

Sesc
CNC senac

Polo
Socioambiental
Sesc Pantanal

SOMOS TODOS HABITANTES DESSAS ÁGUAS

ARTISTAS DO ACERVO

Adriano Bessa
Aldo Pires
Ana Paula
Benedicta Lacerda
Cibele Figueira
Clara Figueira
Domenico da Costa
Humberto Espinola

João Salgueiro
Jorge Bessa
Mário Azeite
Miguel Pires
Miguel Pires
Miguel Pires
Miguel Pires
Miguel Pires
Miguel Pires

Curadoria
Miguel Pires

1978-2018





O ano era 1992, e a partir da mobilização mundial com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92), a Confederação Nacional do Comércio – CNC, através do Departamento Nacional do Sesc, abraçou definitivamente e pra sempre a causa socioambiental, investindo na arrojada missão de conservar a natureza criando a maior reserva privada do país, em um bioma especial no coração do Brasil: o Pantanal. Uma visão estratégica e inovadora, um pacto com o futuro.

Se hoje o discurso de responsabilidade socioambiental é um tema que vem ganhando força na sociedade entre governos, empresas e instituições, o Sesc tem atuado efetivamente nesse campo há quase 30 anos e com resultados relevantes, despontando como referência em boas práticas e inspirando novas iniciativas ancoradas na sustentabilidade.

A primeira área adquirida pelo Departamento Nacional do Sesc para fundar a então denominada Estância Ecológica Sesc Pantanal, em 1996, foi a origem do que hoje configura o Polo Socioambiental Sesc Pantanal, que, no decorrer dos anos, agregou novas áreas e ações modelares, inaugurando novas estratégias para aliar a proteção do meio ambiente ao impacto social, duas dimensões indissociáveis. Hoje são ao todo 5 reservas naturais do Sesc pelo país: Reserva Natural Sesc Pantanal (MT), Reserva Natural Sesc Tepequém (RR), Reserva Natural Sesc Bertiooga (SP), Reserva Ecológica Sesc Iparana (CE) e a Reserva Natural Sesc Bonito (MS).

As áreas naturais de conservação são áreas produtivas e ativos valiosos não só para o Sesc e para as comunidades do entorno, mas prestam serviços ecossistêmicos sem fronteiras e indispensáveis para nosso bem-estar social, como a purificação das águas, a redução dos impactos das mudanças climáticas, a conservação da biodiversidade, a proteção de animais ameaçados de extinção, a contenção de processos erosivos e a produção de solo fértil.

O esforço e o investimento do Sesc para promover ações socioambientais efetivas, cuidando do ser humano e do meio onde vivemos, é a comprovação de que a instituição olha para a frente e projeta o futuro com cidadania, natureza e com o compromisso ético com as gerações que ainda virão, sejam elas humanas, de flores, de pássaros e tantas outras.

O Sesc valoriza todas as formas de vida.

A vida acontece com o Sesc.

José Carlos Cirilo da Silva
Diretor-Geral do Departamento Nacional do Sesc.



APRESENTAÇÃO

A Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN Sesc Pantanal é a maior do Brasil e sua importância está muito além do tamanho geográfico que ocupa. Nos 108 mil hectares que integra, convivem milhares de espécies animais e vegetais. Reproduzem-se, em segurança, dezenas de espécies ameaçadas de extinção. Percorrem águas que se purificam, solos se enriquecem e, desse encontro dinâmico e fértil entre terra, água e ar, a vida nasce e renasce.

Um território marcado pela perpetuação de saberes, reconhecendo e valorizando a riqueza cultural dos povos originários. Um espaço de produção de novos conhecimentos que já propiciou a publicação de centenas de pesquisas científicas pelo mundo. Uma área de beleza ímpar e que todos os anos atrai milhares de visitantes que buscam ecoturismo, com um importante impacto econômico e social positivo para as comunidades, gerando emprego e renda em toda a região.

O papel da RPPN Sesc Pantanal na conservação do bioma engloba uma perspectiva colaborativa, considerando o meio ambiente e gente. Acreditamos que a natureza faz parte do ser humano tanto quanto o ser humano faz parte da natureza, e ambos são valores inegociáveis para o Sesc.

Em todas as ações do Polo Socioambiental estamos comprometidos em fazer a diferença para o meio ambiente e às pessoas que nele vivem, portanto, realizar a exposição “Somos todos habitantes dessas águas” e criar esse espaço de arte educação atende a essa premissa.

É preciso cuidar e fazer ecoar esse cuidado pelo Pantanal. É preciso que toda a sociedade entenda a importância dessa região, se sensibilize com sua beleza e vulnerabilidade e seja parte da sua proteção. É no compartilhar que vamos nos fortalecer e atravessar juntos desafios dos novos tempos, que nos exigem outras estratégias e muita resiliência. É no conhecer e na experiência que vamos criar novos amantes do Pantanal e multiplicadores dessa nobre causa pela sua conservação.

Investimos e trabalhamos todos os dias pela RPPN porque acreditamos na importância das áreas naturais para todo o planeta, reconhecemos o seu valor como ativo socioambiental e, sobretudo, porque respeitamos a vida em todas as suas dimensões.

A vida acontece com o Sesc.

Cristina Cuiabália
Gerente-geral do Polo Socioambiental Sesc Pantanal



Obra de HIRIBARA
do acervo da coleção
de arte da UFRJ

O Serviço Social do Comércio – Sesc é uma instituição de fundamental importância para a salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro por meio de seus espaços culturais, educativos, acervos de arte e ações de educação, preservação e difusão. O Sesc Pantanal construiu ao longo de quase três décadas, um precioso e representativo acervo com obras de renomados artistas, principalmente matogrossenses habitantes de territórios da bacia do Alto Paraguai, formadora do bioma Pantanal.

O projeto Somos Todos Habitantes dessas Águas foi elaborado a partir do convite da instituição para pensar um presente da Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN Sesc Pantanal para a comunidade visitante do Sesc Poconé. Os trabalhos curatorial, expográfico e paisagístico foram elaborados com seleção de obras de arte no acervo do Hotel Sesc Porto Cercado e visitas à RPPN Sesc Pantanal, durante o período de 2019 a 2024.

As múltiplas linguagens e narrativas das artes apresentadas neste trabalho alargam os horizontes e ampliam a capacidade de compreender a vida, nos mostram a diversidade cultural dos territórios e contribuem para a manutenção da memória coletiva. Com essa noção o arcabouço conceitual tem inspiração no poema de Manoel de Barros que nos ensina que “[...] os homens [e mulheres do Pantanal] são a continuação destas águas” e que elas, [as águas] pertencem de nossas origens, porque são a epifania da criação [...]” A partir deste fragmento de poema, foi construída a narrativa da exposição, que está organizada em três eixos temáticos: biodiversidade, cultura e história da RPPN Sesc Pantanal.

A trilha interpretativa da exposição é uma plataforma para mediação e diálogo interdisciplinar. Começa com o painel instalado no saguão da unidade que apresenta um panorama da RPPN. Em seguida, o visitante adentra ao Jardim dos Sentidos, um site específico com destaque para as obras Murundu e É no Pantanal que nascem os pássaros. O percurso finaliza com a exposição Somos Todos Habitantes dessas Águas na galeria.

Na exposição foram selecionadas obras de dezesseis artistas que trazem em suas poéticas: paisagens naturais, paisagens culturais, cenas do cotidiano, bovinocultura, biodiversidade e retrato. Além das obras, há um espaço audiovisual com bancos de urubamba, importante artesanato da cultura pantaneira e exposição de documentos históricos da RPPN. Foi produzido pela equipe de comunicação do Sesc uma coletânea de fotografias e imagens de câmera trap que ilustram as ações de pesquisa e a história da RPPN Sesc Pantanal.

Aqui é um chamado para refletirmos e agirmos em favor da conservação da biodiversidade do Pantanal e dos saberes tradicionais traduzidos pela arte.

Ruth Albernaz
Curadora da Exposição

FOTOS GERAIS DA EXPOSIÇÃO





EXPOSIÇÃO SOMOS TODOS HABITANTES DESSAS ÁGUAS

Artistas do acervo do Sesc Pantanal que compõe a exposição:

Adir Sodré

Alcides Pereira dos Santos

Antonio Poteiro

Benedito Nunes

Clovis Irigaray

Elson Figueiredo

Gervane de Paula

Humberto Espíndola

João Sebastião da Costa

Jonas Barros

Marcio Aurélio

Miguel Penha Chiquitano

Nilson Pimenta

Regina Pena

Roberto de Almeida

Ruth Albernaz

SOMOS TODOS HABITANTES DESSAS ÁGUAS

ARTISTAS DO ACERVO

Adir Sodré
Alcides Pereira
Antônio Poteiro
Benedito Nunes
Clóvis Irigara
Elson Figueiredo
Gervane de Paula

João Sebastião
Jonas Barros
Márcio Aurélio
Miguel Pinha
Nilson Pimenta
Regina Lima
Roberto de Almeida

Concepção e Curadoria: Genil

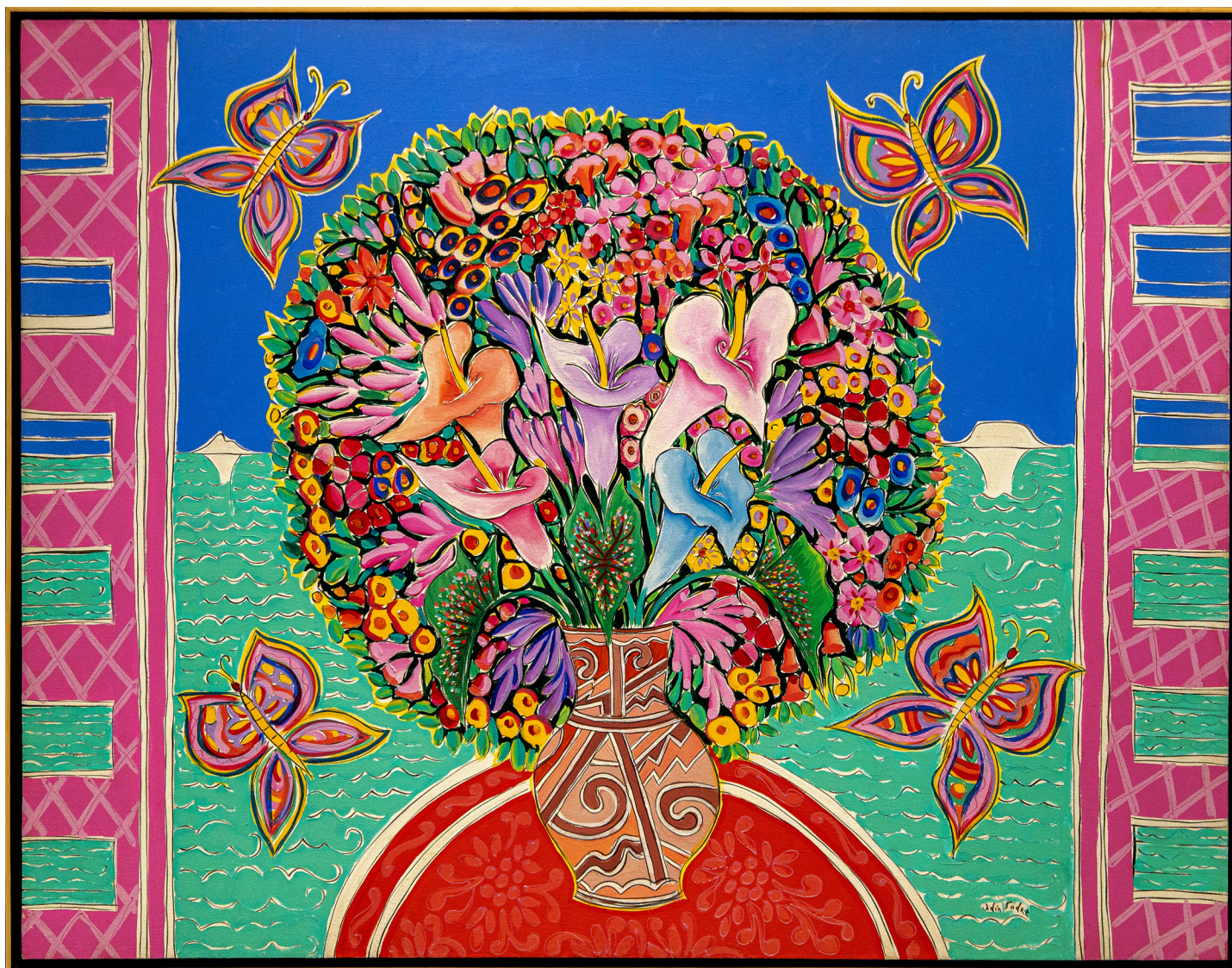
Expografia:
Estação Floresta



Adir Sodré de Souza

(Rondonópolis, 1962 - Cuiabá, 2020)

Sua obra é marcada pelo uso de cores vibrantes, irreverência e abordagem de temáticas sociais e culturais. Frequentou o Atelier Livre da Fundação Cultural de Mato Grosso, onde conviveu com os artistas orientadores Humberto Espíndola e Dalva de Barros e a crítica de arte, Aline Figueiredo. Nos anos 1980, destacou-se ao retratar a vida cotidiana, a cultura regional, os povos indígenas e questões como consumismo e turismo, com obras como *Dolores Descartável* (1984). Participou de exposições importantes, como *Como Vai Você, Geração 80?* que aconteceu no Parque Lage, no Rio de Janeiro (1984) e *Modernidade, Arte Brasileira no Século XX* exposição de arte brasileira que aconteceu em Paris e São Paulo em Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, em Paris, (1987/1988) e Museu de Arte Moderna de São Paulo, em São Paulo (1988). Recebeu o prêmio de artista revelação da APCA em 1986. Inspirado por Matisse, Sodré explorava cores puras, erotismo e elementos decorativos. Revisitou referências da história da arte, como Van Gogh e Velázquez, e flertou com o universo dos quadrinhos. Com obras provocativas, como *Falos e Flores* (1986), *Orgia das Frutas* (1987) e retratos bem-humorados de personalidades, Adir Sodré consolidou-se como um dos grandes nomes da arte brasileira, com reconhecimento nacional e internacional. Em 2024, compõem a exposição *Histórias LGBTQIA+ do Museu de Arte de São Paulo - MASP* e exposição comemorativa dos 50 anos do museu da UFMT: *Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT* (2024/25).



Adir Sodré | Sem Título [acrílica s/ tela] | 90 x 116 cm | s/d



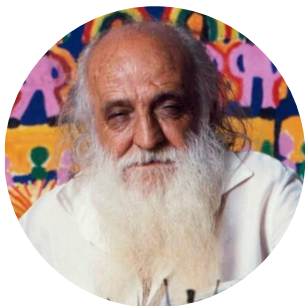
Alcides Pereira dos Santos

(Ruy Barbosa–BA, 1937 – São Paulo–SP, 2007)

Foi um artista autodidata que trilhou um caminho singular no mundo da arte. Sua vida, marcada por diversos ofícios, como pintor, agricultor, barbeiro, sapateiro, pedreiro e padeiro, demonstra sua versatilidade e habilidade em diferentes áreas. Em 1950 fixou residência em Rondonópolis, Mato Grosso, onde viveu por 26 anos. Sua mudança para Cuiabá, em 1976, o aproximou do Atelier Livre da Fundação Cultural de Mato Grosso, proporcionando-lhe contato com outros artistas e um ambiente propício para desenvolver sua conexão com a pintura. Sua trajetória artística ganhou destaque com a tese de doutorado “A Fabulação do Corpóreo na Imagética de Alcides Pereira dos Santos” (2011), da pesquisadora Suzana Guimarães, que aprofundou o estudo sobre sua obra. Ao longo de sua carreira, participou de dezenas de exposições coletivas, como a exposição comemorativa dos 50 anos do Museu da UFMT: Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT (2024/25). Evangélico, acreditava que a arte era um dom divino, e sua pintura reflete a conexão entre o homem e a natureza, retratando o cultivo da terra e a pecuária em suas relações mútuas. Sua obra não se limitava à representação do trabalho no campo, abrangendo também a tecnologia e a vida nas cidades. A série da criação do mundo em sete dias é um exemplo marcante de sua produção, incorporando lendas bíblicas como “Disse Deus: Haja terra seca, haja relva, e árvores e flores”. O reconhecimento de seu talento o levou a ter trabalhos em acervos importantes como o Museu Afrobrasil em São Paulo e o Museu de Arte Popular do Centro Cultural de São Francisco, em João Pessoa, Paraíba, além de integrar coleções particulares.



Alcides Pereira | As montanhas e os pombos [técnica mista] | 57 x 90 cm | 1981



Antônio Poteiro

(Santa Cristina da Pousa - Braga, Portugal, 1925 – Goiânia - Goiás, 2010)

Antonio Batista de Souza foi pintor e ceramista. Considerado um dos mais representativos criadores da arte naïf brasileira, sua produção se caracteriza pela profusão de personagens e ornamentos, abordando cenas do campo, brincadeiras e festividades. Antônio Eustáquio produziu o documentário Antônio Poteiro: o profeta do barro (1983). Em 1926, imigra com a família para o Brasil com um ano de idade e a família fixa residência em São Paulo. Mais tarde, reside em Araguari e Uberlândia, em Minas Gerais, onde inicia a atividade de ceramista, realizando peças utilitárias. Monta duas fábricas de cerâmica, que vão à falência, e passa um longo período convivendo com indígenas na Ilha do Bananal, em Goiás. Depois, muda-se para Goiânia. Em 1957, adota o apelido de Antônio Poteiro por sugestão da folclorista Regina Lacerda, que o orienta a assinar seus bonecos de cerâmica. Com o passar do tempo, traz narrativas regionais e temas bíblicos em suas obras. Em 1972, já como conhecido ceramista, é estimulado a pintar por Siron Franco e Cleber Gouvêa. Expõe seus trabalhos em mostras no Brasil e no exterior. Leciona cerâmica no Centro de Atividades do Sesc e nas cidades de Hannover e Düsseldorf, na Alemanha. Em 1985, recebeu o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte - APCA, na categoria escultura. Em 1997, é homenageado com a Comenda da Ordem do Mérito Cultural, do Ministério da Cultura do Brasil.



Antônio Poteiro | Sem Título [serigrafia s/ papel] | 73 x 94 cm | s/d



Antônio Poteiro | Sem Título [serigrafia s/ papel] | 73 x 94 cm | s/d



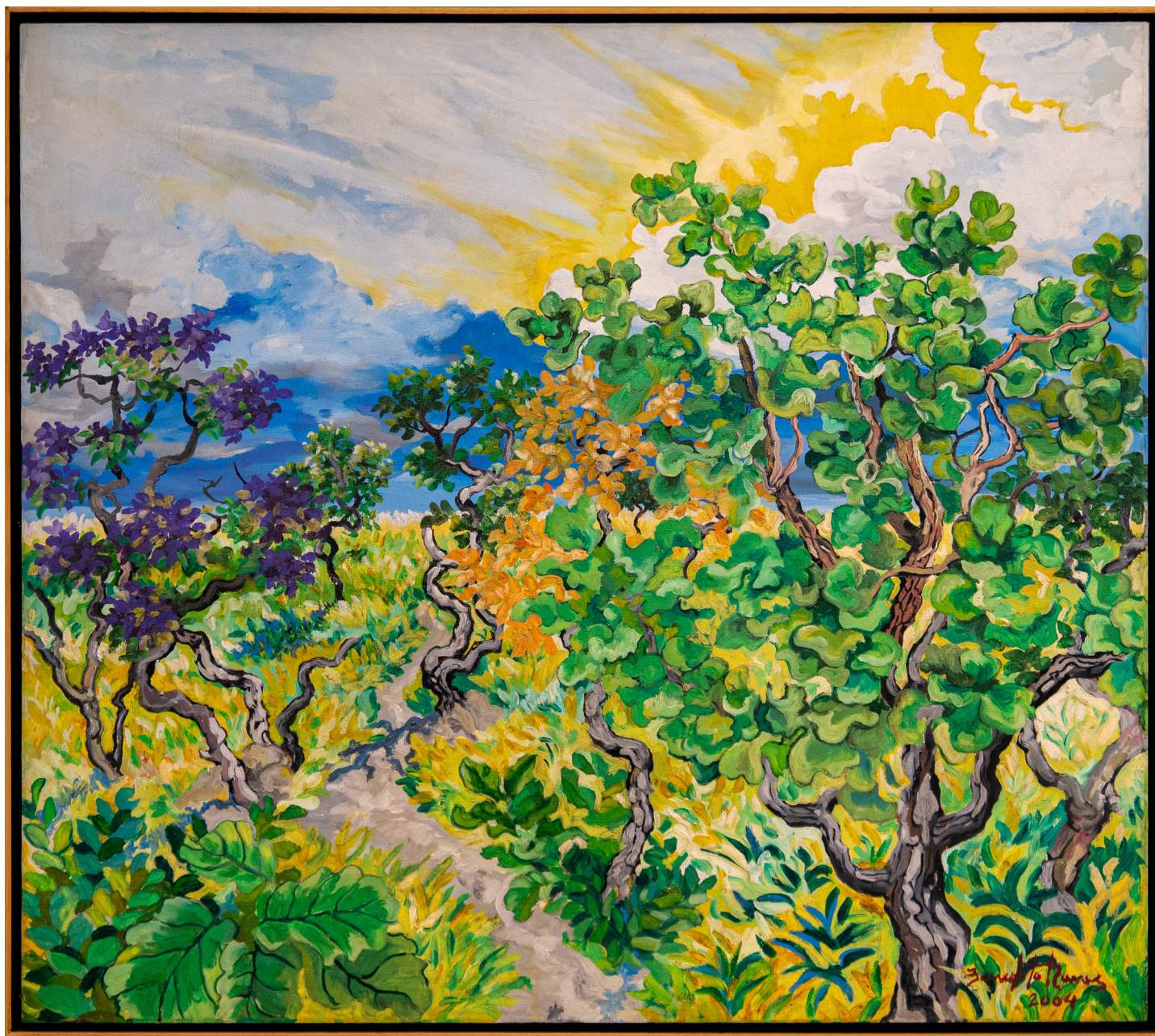
Benedito Nunes

(Cuiabá/MT, 1956 - Cuiabá/MT, 2020)

O pintor e desenhista Benedito Nunes começou sua trajetória artística em 1978, no Ateliê Livre da Fundação Cultural de Mato Grosso, período em que recebeu orientações da artista Dalva de Barros. Participou de importantes exposições coletivas, como “Visão/Arte Mato-grossense” (1979, MACP/UFMT), “Primitivos de Mato Grosso” (1980, MASP), e “Brasil/Cuiabá: Pintura Cabocla” (1981, nos Museus de Arte Moderna do Rio e São Paulo). Também esteve em eventos como “Universidade, Arte como Forma de Conhecimento” (1986, São Paulo e Vitória) e “Negra Sensibilidade” (1988, MACP/UFMT). Foi premiado em salões como o VI e XIV Salão Jovem Arte Mato-grossense (1984/1994) e participou de importantes eventos nacionais, como o VIII Salão Nacional de Artes Plásticas (1984, Rio) e o XVIII Salão Nacional de Artes (1986, Belo Horizonte). Atuou como orientador no Ateliê Livre da Fundação Cultural de Mato Grosso entre 1984 e 1987. Nos anos 2000, integrou coletivas como “Artistas do Século” (2000), “Grande Olhar” (2000/2001) e “Mostra Mato Grosso” (2009/2010). Realizou exposições individuais, como “Paisagem do Centro-Oeste” (1998) e “Orifício” (2014/2015), exibida em diversos estados brasileiros. Sua obra reflete a riqueza cultural e natural do Centro-Oeste, consolidando sua relevância na arte nacional, indicado ao Prêmio Pipa (2017).



Benedito Nunes | Sem Título [óleo s/ tela] | 90 x 80 cm | s/d



Benedito Nunes | Sem Título [Óleo s/ tela] | 54 x 84 cm | s/d





Clóvis Irigaray

(Alto Araguaia/MT, 1949 – Chapada dos Guimarães/MT, 2021)

É pintor e desenhista. Foi reconhecido como mestre da cultura mato grossense pelo edital da Lei Aldir Blanc – Mestres da cultura da Secretaria de Estado de Cultura SECEL-MT (2020); participou de muitas exposições coletivas, com destaque para: Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT (2024/25); XVII Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1969); Sua principal série é intitulada Xinguana e aborda a temática indígena contemporânea pelo viés das relações com a sociedade envolvente. Sua última exposição individual em vida foi Irigaray: Arte Ikuiapá (2020) realizada no centro cultural Casa Cuiabana. O crítico de arte José Serafim Bertoloto publicou o livro Clóvis Irigaray – Arte, Memória, Corpo que narra sobre sua vida e trajetória artística. Em 1968, enquanto fazia o curso de direito em Campo Grande (MS) passou a conciliar os estudos com as artes plásticas e com giz pastel começou a criar obras que retratavam fetos e vísceras. Em 1975 já morando em Cuiabá, Irigaray, teve grande sucesso com a sua exposição “Detalhes do Xingu” (Xinguana). Ao longo dos anos participou da Bienal de São Paulo, Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro e do Panorama das Artes de Mato Grosso, no Museu de Arte e Cultura Popular da UFMT. Em 2013 foi nomeado Embaixador das Artes pela Academia Francesa de Artes, Letras e Cultura e também foi convidado para expor seu trabalho no Carrossel do Museu do Louvre, em Paris. Em cinco décadas de trabalho o mato-grossense realizou mais de 38 participações em mostras nacionais e internacionais como nos Estados Unidos e Portugal. A última exposição ‘Irigaray – Arte – Ikuiapá’ foi realizada em 2020. Na manhã de, 03 de abril de 2021, Clóvis, faleceu de causas naturais em Chapada dos Guimarães. Ele tinha 72 anos e segundo a família morreu enquanto dormia.



Clóvis Irigaray | Sem Título [mista s/tela] | 100 x 100 cm | s/d



Elson Figueredo

(Poconé/MT, 1953 - Cuiabá/MT, 2021)

Bacharel e mestre em biologia, ele sempre inseriu elementos das artes em suas aulas, começando com o biscuit, papel machê, até manuseio de sucata, PVC e papelão. Contudo, como autodidata começou seus trabalhos artísticos, com a pintura em tela em 1988, direcionado para um registro artístico e educacional sobre o Pantanal Matogrossense. Nos anos 90, aperfeiçoou-se em técnicas aquareladas, passando a expressar também a ornitologia pantaneira em aquarela, giz pastel, guache e acrílica. Não se preocupando com o estilo artístico, procurou expressar apenas registros da vida pantaneira, em ênfases variadas, ecológica, social e artística. Assim propõe desenvolver trabalhos em artes plásticas, que retratam a vida de uma região rica em belezas naturais, arquitetura, costumes, folclore, crenças, enfim, no cotidiano de um povo, através do Projeto Artístico - Viver o Pantanal - que objetiva a realizar exposições individuais com temáticas específicas, como: 1) Fauna e Flora Pantaneira (1990); 2) Cheiro da Terra (1991); 3) Santo de Casa (1992); e Cotidiano (). Admite forte tendência em seus trabalhos em óleo sobre tela, para o impressionismo e expressionismo, porém não se define, expressa apenas sua forte admiração pelo estilo. De março a novembro de 1996, cursou desenho e pintura (técnicas variadas) e pintura especial, no Fátima Atelier, em Cuiabá/MT. Em seu currículo há vários trabalhos, premiações, menções de honra. Ilustrou publicações, e teve suas obras reproduzidas em material de divulgação de eventos. Participou de exposições individuais e coletivas em Mato Grosso e Rio de Janeiro. Foi docente de Gastronomia na Universidade de Cuiabá - UNIC com pesquisa em gastronomia regional. Lecionou no curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Ocupou a cadeira 07 da Academia Littero-cultural Pantaneira em Poconé-MT. (Esta mini biografia foi elaborada por Elson Figueiredo e Bruna Figueiredo, sua filha).



Elson Figueredo | Sem Título [acrílica s/ tela] | 60 x 80 cm | 1998



Gervane de Paula

(Cuiabá - MT, 1961)

Artista visual, autodidata. Desenha, pinta, fabrica objetos artísticos e realiza instalações. Participou, entre outras, das coletivas: Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT (2024/25); Fullgás Artes Visuais e anos 1980 no Brasil - CCBB Rio de Janeiro, RJ (2024); Dos Brasis - arte e pensamento negro - Sesc Belenzinho/ SP (2023) e Sesc Quitandinha/ RJ; A casa do Colecionador - Instituto Cultural Gilberto Chateaubriand, Porto Ferreira/ SP (2023); Bienal das Amazônias - Belém/ Pará (2023); Leonilson e a Geração 80 - Fortaleza (CE), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP) (2023); Compassos Pantaneiros no Ritmo das Águas, Centro Cultural da Embaixada do Brasil em La Paz - Bolívia (2023); Exposição Estado Bruto MAM Rio de Janeiro (2021); Conversas: Resistência e Convergência, Pará (2021) e Goiânia (2022); 36º Panorama da Arte Brasileira: Sertão - MAM/ SP (2019); 23º Salão Anapolino de Arte - Prêmio Curadoria - Galeria de Arte Antônio Sibasolly (2018); FRESTAS Trienal de Artes - SESC SOROCABA / SP (2017); Brasil: Imagens dos anos 80 e 90 - MAM/RJ (1993) e no Art Museum of the Americas, Washington, DC, Estados Unidos (1994); A mão Afro-Brasileira - MAM/ SP (1988); Como vai você, Geração 80?, Parque Lage - RJ (1984); Brasil-Cuiabá: pintura cabocla, no MAM/RJ (1981); no MAM/ SP (1981) e na Fundação Cultural de Brasília (1981). Indicado ao Prêmio Pipa (2018). Exposição individual: Como é bom viver em Mato Grosso na Pinacoteca de São Paulo, São Paulo/ SP (2024).



Gervane de Paula | Sem Título [mista s/ tela] | 100 x 130 cm | s/d



Gervane de Paula | Sem Título [mista s/ tela] | 90 x 104 cm | s/d





Humberto Espíndola

(Campo Grande – MS, 1943)

Pintor, desenhista, objetista, crítico de arte e animador cultural. Participou de importantes eventos internacionais, como as Bienais de São Paulo (10^a e 11^a, onde ganhou uma bolsa de estudos no exterior), Medellín, Veneza, Havana e Cuenca, além de exposições em países como México, Venezuela, Chile, Bolívia e Estados Unidos. Foi premiado em diversos salões nacionais de arte (1968–1980) e reconhecido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como Melhor do Ano em Pintura (1977). Espíndola destacou-se com a retrospectiva Bovinocultura 1967/99 e exposições individuais em Curitiba, Cuiabá, Campo Grande e Londrina. Como animador cultural, co-organizou a Primeira Exposição de Pintura dos Artistas Mato-grossenses (1966) e foi co-fundador do Museu de Arte e de Cultura Popular (MACP/UFMT, Cuiabá). Também atuou como o primeiro Secretário de Cultura de Mato Grosso do Sul (1987–1990) e gestor artístico do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (2002–2005). Autor de livros como *Pintura e Verso* (2017), recebeu o título de Doutor Honoris Causa da UFMS e UCDB em 2019, da UFMT em 2023, em reconhecimento à sua contribuição à cultura brasileira. Espíndola é considerado uma figura central na arte do Centro-Oeste e na animação cultural do Brasil. Participa da exposição *Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT* (Macp-UFMT, 2024/25). É imortal na Academia Sul-mato-grossense de Letras, ocupante da cadeira nº 38.



Humberto Espindola | Sem Título [óleo s/ tela] | 75 x 95 cm | 1998



João Sebastião Costa

(Cuiabá, Mato Grosso, 1949 – Cuiabá, 2016)

Pintor, desenhista, figurinista, professor. Inicia seus estudos de pintura com Bartira de Mendonça em 1965, em Cuiabá. Entre 1966 e 1967, fez contato com artistas representativos de tendências modernas, no Rio de Janeiro. Participou de dezenas de exposições, com destaque para: Bienal Nacional 74, na Fundação Bienal, São Paulo/SP (1974); 1ª Bienal Latino-Americana de São Paulo – Sala Especial Mitos e Magia (1978); 11º Panorama de Arte Atual Brasileira, MAM/SP, São Paulo/SP (1979); Brasil-Cuiabá: pintura cabocla, no MAM/SP (1981); Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT (Macp-UFMT, 2024/25). Seu último projeto foi Transmitologismo João e Maria, onde reuniu 59 artistas mato-grossenses para homenagearem a ícone cultural Maria Taquara. João Sebastião faleceu três meses antes da exposição acontecer na A Casa do Parque, Cuiabá/MT (2016).



João Sebastião | Sem Título [acrílica s/tela] | 80 x 100 cm | 1998



Jonas Barros

(Cuiabá, 1967)

Principais exposições Coletivas: Le Marché de Photo, Les Pratiques Emergentes entre Le Brésil et la France, Réalisation landé, Galerie Collection Privée, Paris-France (2018); Transoeste, Câmera Sete, Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte - MG (2018); Festival Mês da Fotografia, Museu Nacional da República, Brasília-DF (2018); Dialetos 2 Mapa, Museu de Artes Plásticas de Anápolis, GO (2018); Dialetos 2, CCSP, Centro Cultural São Paulo, SP (2018); Do outro lado, Marco, Museu de Arte contemporânea, Campo Grande, MS (2012); Cores do Pantanal, Circuito Cultural Lusófonos, Palácio Cabral, Lisboa, Portugal (2010); El Amazonas, Museu Nazinale de Castel Sant'Angelo, Roma, Itália (2002); SARP, Salão Nacional Contemporâneo de Ribeirão Preto, SP (1993); Arte Aqui é Mato, Exposição Itinerante, MASP-Museu de Arte de São Paulo, SP. MAB - Museu de Artes de Brasília DF (1991). Esta mini bio foi apresentada pelo artista em 2025.



Jonas Barros | Sem Título [mista s/ tela] | 120 x 130 cm | 1999



Marcio Aurélio

(Chapada dos Guimarães, 1955 - Cuiabá, 2024)

Márcio Aurélio, nascido no cerrado chapadense, foi um artista plástico versátil que transformava objetos cotidianos em obras de arte por meio da experimentação. Frequentador do Ateliê Livre da Fundação Cultural de Mato Grosso, participou de exposições em estados como Mato Grosso, Goiás, São Paulo e Mato Grosso do Sul, além de conquistar prêmios em edições do Salão Jovem Arte Mato-grossense. Desde os anos 1980, Márcio realizou oficinas com resíduos do cerrado e materiais urbanos como folhas, cascas de árvores, sementes, telhas, caixas, pedras, garrafas plásticas e latas, criando obras que dialogam com a sustentabilidade. Em 2016, apresentou a mostra individual Reflexões Telúricas em Cuiabá, Chapada dos Guimarães e Rondonópolis, narrando a essência do Cerrado. Segundo a crítica de arte Aline Figueiredo, Márcio é “realista sem chegar ao naturalismo” e “visionário sem descambar por piegas surrealistas”. Sua arte equilibra verdades e fantasias, capturando o particular do cerrado sem perder um recado universal. É considerado um nome importante no cenário cultural mato-grossense. Participa da exposição em comemoração aos cinquenta anos do Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT: Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT (2024/25);



Márcio Aurélio | Sem Título [acrílica s/ tela] | 70 x 90 cm | 1996



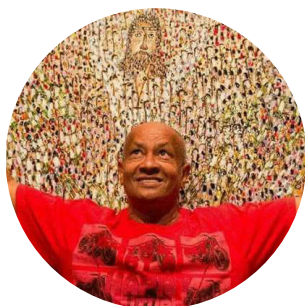
Miguel Penha Chiquitano

(Cuiabá/MT, 1961)

Artista plástico, reside em Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. Têm ascendências indígenas das etnias Chiquitano e Bororo. Suas pinturas, quase sempre em grandes formatos, retratam o Cerrado do Centro-Oeste brasileiro e a floresta amazônica com o objetivo de manter preservada sua forte carga mítica, com um sentido de profundidade evanescente, construído algumas vezes com névoas que apontam para a transitoriedade da paisagem representada. Sua obra, desenvolvida ao longo dos últimos 15 anos em meio à natureza, traz uma nova visão própria em relação à pintura de paisagens, trabalhando com questões como a luz e a profundidade. Em suas telas, essas questões centrais são transportadas e ganham uma visão singular no ambiente onde ele vive e trabalha, resultando em composições em formatos variados, reforçando a sacralidade da natureza, idéia cara aos povos indígenas. Em 2009, foi contemplado pelo Prêmio Marcantonio Vilaça da Fundação Nacional de Artes. Sua exposição individual “Dentro da Mata” foi aprovada na Temporada de Projetos do Paço das Artes, em 2014, tendo sido mostrada em várias cidades em São Paulo, no Paço das Artes em Blumenau (SC), além de itinerar pela região norte do país. Participa, desde a década de 1980, de exposições em diferentes museus e centros culturais brasileiros, como o 20º Festival de Arte Contemporânea Sesc Videobrasil (Sesc Pompéia, 2017). Em 2018, participou da SP-Arte representado pela Galeria Adelina de SP. Em 2019, foi convidado para participar da temporada de arte contemporânea em Lille 3000 na França. Realizou a individual Samaúma (2017), no CAC W, em Ribeirão Preto/SP; participou da I Bienal das Amazônias, Belém/PA (2023); participa da exposição Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT (2024/25); foi indicado ao Prêmio Pipa (2024). Esta mini bio foi apresentada pelo artista em 2025.

Miguel Penha
Sem Título
[acrílica s/ tela]
70 x 90 cm
1996





Nilson Pimenta

(1956, Caravelas-BA, 1956 – Cuiabá – MT, 2017)

Nilson migrou para o Mato Grosso aos seis anos e passou a infância na roça, trabalhando no cultivo de arroz, feijão, milho e mandioca em terras não mecanizadas. Desde pequeno, já fazia desenhos no chão e em porteiras. Antes de se estabelecer em Cuiabá, em 1978, trabalhou como peão, lavrador e cortador de cana. Nesse mesmo ano, começou a desenhar com lápis de cor, e em 1980 teve seu primeiro contato com tintas, iniciando sua trajetória artística. Nilson trabalhou como guarda-vigilante e supervisor do Ateliê Livre da UFMT, onde consolidou sua relação com a pintura. Nos anos 1980 e 1990, suas obras destacaram-se pelo grafismo inconfundível e pelas tramas de cores intensas, como azuis, verdes e marrons. Seus temas variam entre cenas como casamentos no Pantanal e crimes urbanos, sempre com um olhar contemporâneo e dramático. Participou da Bienal Náiífs do Brasil (1988 e 2000) e da Mostra do Redescobrimento – Brasil 500 (2000). Em 1996, expandiu sua expressão artística ao experimentar a escultura, consolidando-se como um artista versátil e atento às questões sociais e culturais. Participa da exposição Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT (Macp-UFMT, 2024/25).



Nilson Pimenta | Sem Título [acrílica s/tela] | 60 x 91 cm | 1998



Nilson Pimenta | Sem Título [acrílica s/tela] | 100 x 150 cm | 1995





Regina Pena

(Cuiabá, MT, 1952 - 2020)

Regina Pena “de tchapa e cruz” nasceu em Cuiabá e faleceu na mesma cidade, em 2020. Artista visual, poeta, arte-educadora e psicóloga. Tem sua pesquisa, interesse comunicacional e poética ancorada em cenas do cotidiano, em paisagens culturais e acontecimentos sociais. Possui uma paleta de cores que reflete sua habilidade em misturas cromáticas sofisticadas, seus desenhos são fluidos e bem traçados para compor seu conjunto plástico e dialógico. Em sua longa trajetória ampliou seu repertório, suportes e plataformas; produziu um relevante acervo, com mais de mil e quinhentas obras, entre pinturas, assemblages, objetos, esculturas, desenhos e artes digitais. Suas últimas exposições individuais foram em Cuiabá-MT: Voo Solo, realizada na Galeria Arto, em 2015 e Metamorphosis, realizada na Galeria do Sesc Arsenal, em 2019, com curadoria de Ruth Albernaz em parceria com a artista; publicou o livro de poemas e imagens Voo Solo, em 2015, organizado por sua amiga e editora Maria Teresa Carrión Carracedo, pela editora Entrelinhas; Participa da exposição Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT (Macp-UFMT, 2024/25).



Regina Pena | Sem Título [acrílica s/tela] | 90 x 70 cm | 1998



Roberto de Almeida

(Poxoréu, 1964 – Cuiabá, 2015)

Roberto de Almeida foi um promissor escultor popular brasileiro. Roberto era um sem terra que nos acampamentos em tempo vago, recolhia troncos no mato e começou a entalhar, foi quando descobriu-se artista. Roberto de Almeida desde suas primeiras obras surpreendeu pela originalidade, humor e graciosidade, é um dos mais importantes artistas populares brasileiros surgidos nos anos 90. Seu tema único são os animais, que ele esculpe com um numeroso repertório de soluções técnicas. Possui grande senso de proporção e síntese, destacando-se também sua desenvolvida capacidade de criar formas e movimentos. Mudou-se para Cuiabá em 1993. Participa do Salão Jovem Arte de Mato Grosso nas edições 1997, 1998 e 2003, sendo premiado nessas edições. Suas obras integram diversos acervos particulares e públicos como o do Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT. Participa da exposição Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT (Macp-UFMT, 2024/25).



Roberto de Almeida | Tatu [Escultura em madeira] | 80 x 20 x 16 cm | s/d



Ruth Albernaz

(Cuiabá - MT, 1972)

É artista-bióloga cabocla, vive em Chapada dos Guimarães e Cuiabá - Mato Grosso. Vencedora do Prêmio Pipa (2021). É pós-doutora em Ensino na Amazônia (IFMT, 2021/22) com pesquisa em cartografia de artistas da Amazônia Legal; doutora em Biodiversidade e Biotecnologia na Amazônia com pesquisa que entrelaça cultura e biodiversidade junto ao povo indígena Rikbaktsa (2016); e mestre em Ciências Ambientais com pesquisa etnoecológica no Pantanal de Mato Grosso (2010). Autodidata em arte, produz pinturas, poemas, objetos e instalações. Realiza exposições e curadorias para partilhas sensíveis e reinvenção do mundo. Exposições individuais: Poética Pantaneira, site specific de longa duração (SESC Pantanal, 2020); Bio (SESC MT Rondonópolis, 2019), Casa Cuidar (SESC MT, 2018), Patuá (SESC MT, 2016) e Voos Xamânicos (SESC MT, 2014). Principais participações em exposições coletivas: Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos do Macp-UFMT (Macp-UFMT, 2024/25); Exposição Bio - 2ª edição (Macp-UFMT, 2023); Um Século de Agora (Itaú Cultural, 2022/23); Bienal Naifs do Brasil - 15ª edição (SESC SP, Piracicaba 2020/21).



Ruth Albernaz | Instalação Bio (Fragmento) | Prateleira com sementes e desobjetos | 43 x 53 cm | 2020/2024



Ruth Albernaz | Casulo [Papel de fibra de bananeira, fios de algodão, fios de cobre, arame, fios de aço e sementes] | 105 x 36 x 22 cm | 2024

SOMOS TODOS HABITANTES DESSAS ÁGUAS

ARTISTAS DO ACERVO

Adir Sodré
Alcides Pereira
Antônio Poteiro
Benedito Nunes
Clávis Irigaray
Elson Figueiredo
Gervane de Paula
Humberto Espindola

João Sebastião
Jonas Barros
Márcio Aurélio
Miguel Penha
Nilson Pimenta
Regina Pena
Roberto de Almeida
Ruth Albermarz

Conceição Curadoria Geral
Ruth Albermarz

Exposições
Ruth Albermarz





É preciso selicadiga para lavar

para amarrar as águas

As águas

Amarrar

As águas

Rio Paraguarai

Serra das Pedras

Rio Piquiri

Serra de Chacoré

Rio Piquiri

Rio Guabirá

Rio São Lourenço

EXPOGRAFIA: CONEXÕES ENTRE ESPAÇOS, FUNÇÕES E HISTÓRIAS



O projeto de expografia da exposição Somos Todos Habitantes Dessas Águas, em celebração a Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN Sesc Pantanal é resultado da soma de ações que visam atender anseios do projeto curatorial e absorver as previsões das obras de reforma anunciadas pela gestão nas primeiras reuniões de trabalho. Embora muito próximos, saguão, galeria e o pátio pouco se relacionam em razão da desconexão dos acessos. Neste sentido, a reforma possibilitou a integração dos ambientes estabelecendo acessos diretos e fluxos mais interessantes do ponto de vista da circulação entre as diversas áreas do edifício.

Na expografia o painel curvo no saguão orienta o visitante até a entrada da galeria e ao enquadramento das obras. A galeria por sua vez revela-se ao jardim através de um grande pano de vidro. O pátio se consagra como área de contemplação, permanência e passagem devido a proposta de ambientação paisagística e a presença de obras de arte.

No saguão foi locado um painel linear curvo de aproximadamente 10m de extensão composto por estrutura de metalon de 30mmx30mm revestida com placas flexíveis de PVC 3mm. Este painel foi idealizado para compor de forma permanente o layout do saguão do acesso principal à área de recepção e atendimento da administração. O objeto apresenta ao público da unidade SESC POCONÉ a organização das principais informações a respeito da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do Sesc e evidencia a contribuição da instituição para preservação do bioma Pantanal e todo seu ecossistema. O painel abriga a cronologia histórica que remonta a data de criação da RPPN, animais ameaçados de extinção, pequeno glossário e outras informações relevantes sobre a reserva.

A conformação material do Painel deu-se diretamente ao alinhamento à proposta curatorial do projeto. Neste sentido iniciou-se um exercício de associações entre elementos materiais, em composição e forma, com o elemento água. Daí a origem do movimento sinuoso da estrutura metálica em correspondência aos corpos d'águas e ao movimento da própria água nas planícies alagáveis do Pantanal de Mato Grosso.

A disposição dos fechamentos do saguão, ou seja, a definição do desenho do perímetro deste ambiente, permitiu o apoio da estrutura metálica diretamente nas paredes garantindo maior estabilidade e segurança. Inicialmente a estrutura curva do painel seria içada por cabos de aço

fixados nas treliças do telhado de telhas de cerâmica aparente. No entanto, para segurança da instalação e dos visitantes optou-se pelas paredes como suporte da estrutura. Nas duas situações o principal objetivo na instalação do painel era executar uma estrutura flutuante e leve há 50cm do chão no intuito de deixá-lo flutuando no saguão e descolado das paredes como uma folha fina e maleável pairando no recinto.

Para a galeria a ideia foi desenvolver uma linguagem gráfica de comunicação que também fosse aplicada a diagramação do painel institucional do saguão. O mobiliário da exposição teria a função de garantir suporte à apresentação das obras e materialidades.

A definição do mobiliário ocorreu a partir da consideração do dimensionamento, das características e dimensionais das obras elencadas para compor o ambiente da exposição “Somos todos habitantes dessas águas”. As premissas de versatilidade e flexibilidade, permitem que o conjunto de mobiliário proposto, atenda não somente as demandas da referida celebração, como também, possa ser reaproveitado em outros eventos, permitindo o arranjo de diferentes layouts.

Conforme dito no parágrafo acima, algumas diretrizes foram estabelecidas nas primeiras visitas de aproximação do projeto. Neste momento foram indicadas as principais intervenções previstas para os ambientes onde executa-se a proposta do projeto curatorial da exposição. Deste modo foi possível estabelecer condições de partida para concepção do projeto de expografia da galeria com base nas premissas apresentadas.

Em razão das modificações orientadas pelo projeto de reforma considerou-se a existência do pano de vidro na fachada voltada para a obra Jardim dos Sentidos, tal como o acesso previsto para esse mesmo fechamento. A fachada envidraçada foi utilizada de duas maneiras distintas. Para criar uma vitrine de apresentação do projeto expográfico e para permitir maior entrada de luz natural. A organização espacial e visual dos conjuntos de obra foi orientada conforme proposta curatorial. Assim originou-se três ambientes resultantes do posicionamento dos painéis móveis, vitrines e do painel fixo.

A expografia do Jardim dos Sentidos se orientou pelas intenções conceituais apresentadas pela curadora em conjunto com a engenheira florestal Edina Gomes. A concepção paisagística definiu em partes os elementos necessários para materialização da proposta. Este jardim é uma grande instalação de arte viva, isso porque a vegetação é empregada como matéria prima para ambientação do espaço, aproximando-se visualmente dos aspectos naturais do bioma Pantanal.

Nessa ambiência, duas obras de arte compõem a instalação; uma sobre o espelho d'água, outra anexa ao gradil instalado no local, intituladas “Murundu” e “É no Pantanal que nascem os pássaros”. Ancoramos este trabalho nos conceitos de site specific e Land Art para propor uma experiência sensível que aguace os sentidos e também que traga alguns elementos da cultura ribeirinha, como por exemplo, algumas espécies cultivadas, de uso medicinal e alimentício.

No pátio central foi criado o Jardim dos Sentidos e duas instalações em aço corten. O jardim abriga um espelho d'água, um gradil metálico, um banco de concreto, piso drenante, além de uma composição

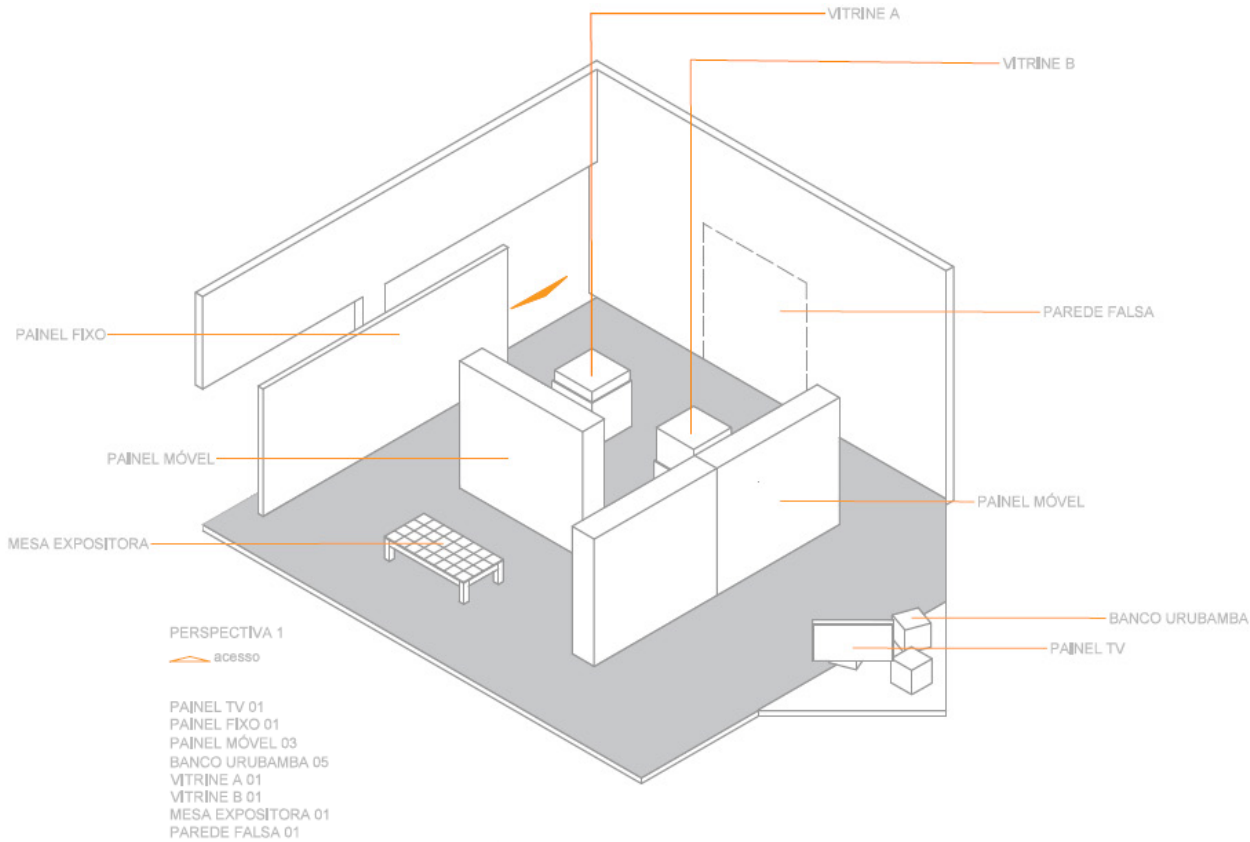
botânica originada a partir da mescla entre espécies ornamentais e espécies nativas do bioma pantanal. Uma das instalações está localizada no centro do espelho d'água enquanto a outra foi fixada no gradil metálico. A concepção desses elementos estruturadores do espaço deu-se em função da acessibilidade, da segurança à integridade dos ocupantes e da neutralização das interferências visuais oriundas das características físicas do local, como por exemplo, a existência de janelas e outros equipamentos.

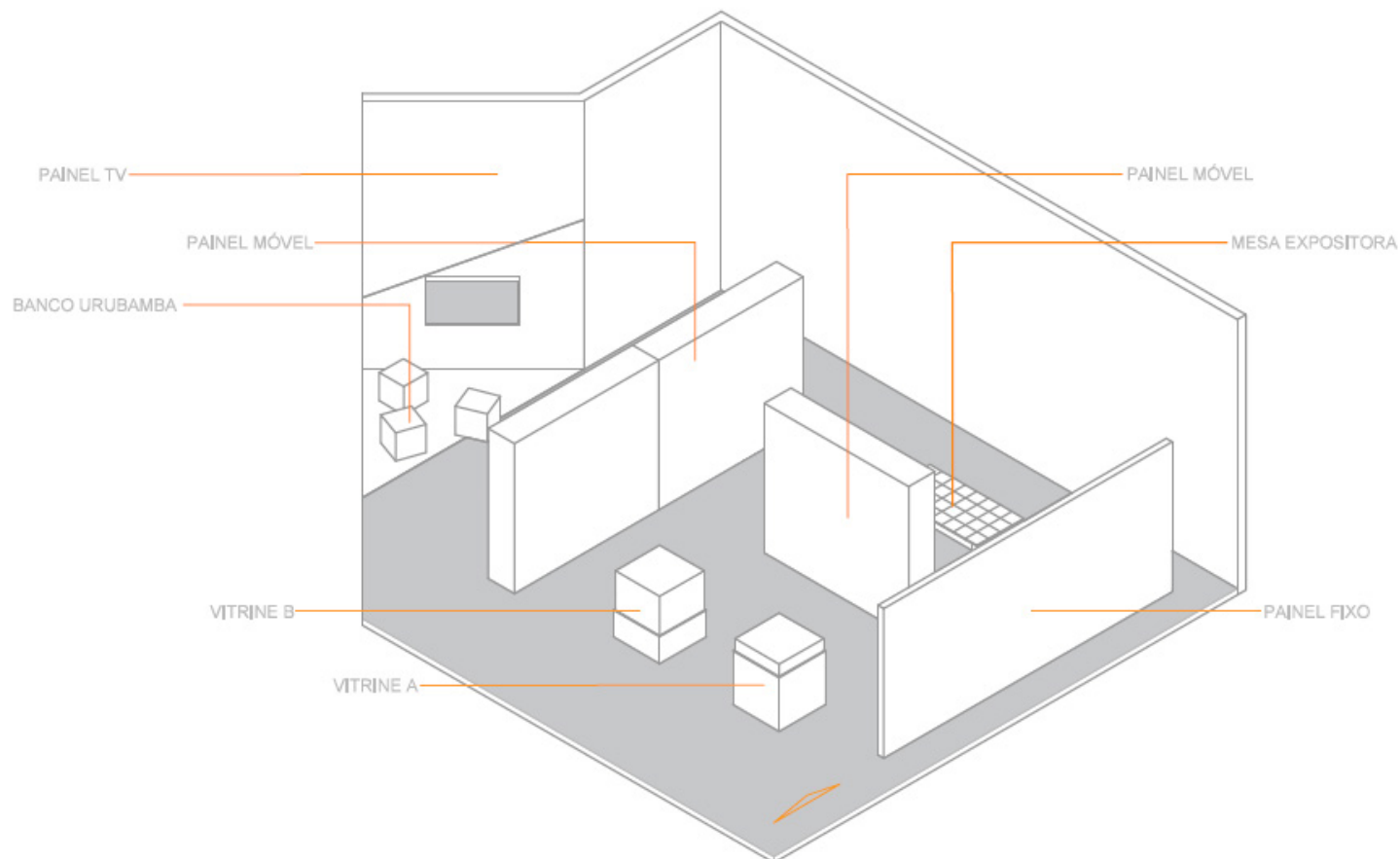
Rubens Florêncio
Expografia Geral

LEVANTAMENTO GERAL

ITEM		QNT
a	mdf 18mm 2,75x1,83m	2 un
b	compensado 20mm 2,20x1,60m	23 un
c	sarrafo 20mm 7cm	49 m
d	sarrafo 20mm 5cm	89 m
e	caibro 5x5cm	53 m
f	rodízio de silicone Ø= 5cm com freio	8 un
g	rodízio de silicone Ø= 7,5cm com freio	18 un
h	suporte metálico chapa 5mm	8 un

ITEM		QNT
i	apoio metálico a	4 un
j	apoio metálico b	3 un
k	parafuso rosca soberba 8mm	210 un
l	bucha de concreto 8mm	50 un
m	prego 17x21 sem cabeça	2 kg
n	prego 18x27	3 kg
o	suporte móvel para tv	01 un



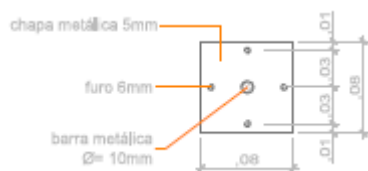
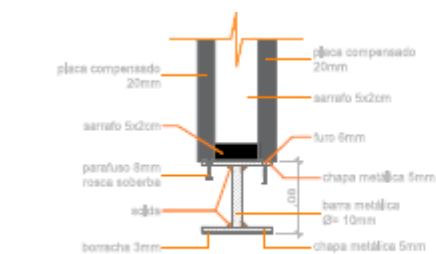
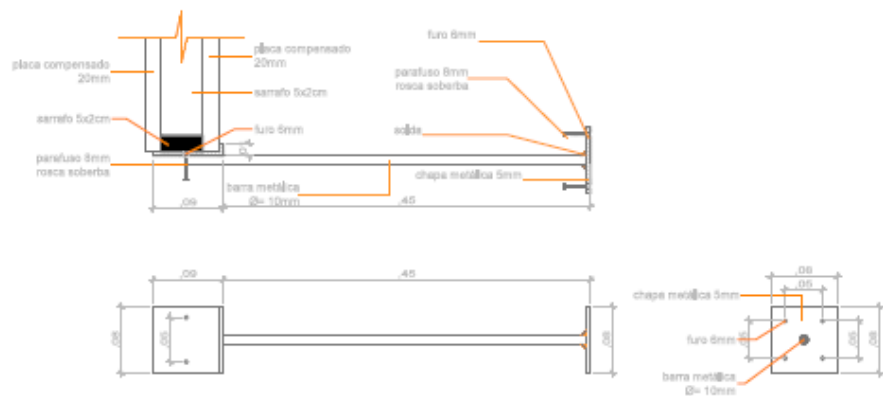


PERSPECTIVA 2

PROJETO | **SOMOS TODOS HABITANTES DESSAS ÁGUAS**
AUTORIA | rubens florêncio
CAU | a501715-0

LOCALIZAÇÃO | sesc poconé/mt
SOLICITANTE | ruth albernaz / sesc pantanal
ASSUNTO | **LAYOUT**

DATA | 06fev023
FOLHA | a3 1/19
ESCALA | 1/75



LEVANTAMENTO PAINEL FIXO

ITEM		QNT
a	compensado 20mm 2,20x1,60m	6,5 un
b	sarrafo 20mm 5cm	27,3 m
c	apoio metálico a	4 un
d	apoio metálico b	3 un
e	parafuso rosca soberba 8mm	48 un
f	bucha de concreto 8mm	12 un
g	prego 17x21 sem cabeça	0,5 kg



Rubens Florêncio

(Cubatão - SP, 1990)

Arquiteto Urbanista formado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Como expógrafo iniciou seu processo de formação através das experiências práticas na função de estagiário no Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso (MACP) durante os anos de 2015 e 2017.

Nesta estada participou do desenvolvimento de exposições, acompanhamento e execução de projetos expográficos de distintas complexidades. Paralelamente, participou de oficinas de capacitação técnica ofertadas por importantes instituições culturais do país. Os temas de maior interesse; Concepção, montagem e espaços expográficos.

Como expógrafo transitou em variadas funções em projetos de exposições de curta, média e longa duração. Atuou na concepção e execução de importantes projetos no MACP, SESC Arsenal e SESC Pantanal trabalhando com jovens artistas contemporâneos e com artistas consagrados da arte mato-grossense.

Desde 2020 atua no terceiro setor como assessor técnico na mobilização e acompanhamento das populações atingidas pelo rompimento da barragem em Mariana (MG) e em Brumadinho (MG). Atualmente desenvolve trabalho no assessoramento dos territórios atingidos na foz do Rio Doce (ES).

PEQUENO GLOSSÁRIO DO PANTANAL

Áreas Pantanosas

São ambientes permanentemente inundados ou encharcados, com formação de brejos, de batumes e de abrigo para buritizais.

Áreas terrestres

São compostos por ambientes diversos como capões, cordilheiras e paleoleques.

Áreas aquáticas

São ambientes aquáticos como canais de rios, lagos, lagoas e baías.

Áreas periodicamente aquáticas

São pequenos canais e linhas de drenagem, como corixos e vazantes, além de áreas de campo limpo.

Áreas periodicamente terrestres

Apresentam campos de murundus, áreas de florestas com domínio de várias espécies (paliesspecíficas) ou de uma única espécie (monoespecíficas) como o camborazal ou o tabocal.

Biomio

É um espaço geográfico ou unidade biológica com características específicas bem homogêneas, que são definidas por: macroclima, topografia, solo, altitude e, dentre outros critérios. São tipos de ecossistemas, habitats ou comunidades biológicas com certo nível de homogeneidade.

Brejo

São áreas encharcadas durante todo o ano, locais que filtram as águas superficiais e servem como depósitos naturais para alimentar os rios e corixos. São ambientes importantes para a biodiversidade do Pantanal.

Capão

Mancha de vegetação arbórea, de cerrado, cerrado ou mata, formando verdadeiras ilhas nos campos.

Corixo

É um curso d'água que pode apresentar muitas dimensões e formas, semelhante a braços de rios, que se formam durante a cheia na planície pantaneira.

Pantanal

É uma paisagem ecológica e cultural moldada pela natureza das águas e dos povos que aqui vivem. É considerada a maior planície alagável do planeta, regida pelo pulso de inundação com os ciclos de cheia-vazante, seca-enchente. O Pantanal é um bioma de interação com o Cerrado, o Chaco e a Planície Atlântica.

Foi incluído na Constituição Brasileira de 1988 como uma das áreas prioritárias para a conservação. A Resolução nº 187 da Câmara do Pantanal, reconhece a importância global e ambiental do Pantanal. A RPPN Sesc Pantanal é uma das maiores unidades de conservação do bioma. A RPPN Sesc Pantanal é uma das 27 unidades de grande importância para a conservação da biodiversidade do bioma.

A Convenção de Ramsar, para a conservação das zonas úmidas, reconhece a importância internacional (assinada e ratificada pelo Brasil em 1993) insere o Pantanal como um dos ambientes mundiais mais importantes. A RPPN Sesc Pantanal é uma das 27 áreas designadas pelo país como área de atuação dos Estados-membros da Convenção.

Pulso de Inundação

É a regulação do sistema hídrico com os ciclos de cheia e vazante com as fases de vazante e enchente. É o pulso de inundação que determina a riqueza, distribuição e abundância de vida no Pantanal.

O período chuvoso proporciona a inundação de campos e pastagens, ocasionadas pelo transbordamento de rios. As águas levam cerca de 4 meses para atravessar o Pantanal e este movimento de deslocamento é marcado pelo pulso de inundação.

Regeneração espontânea

Acontece sem intervenções humanas ou com o mínimo de interferência (como o controle de plantas que se alastram muito, cipós excessivos e gramíneas, por exemplo) e podem ser observadas ao longo do percurso da trilha com campo inundável e nas bordas da região de plantio.

Regeneração acelerada pelo método de restauração de ecossistemas com plantios de mudas de diversas espécies nativas, podendo ainda haver estoqueamento com sementes para resgate e realocação de mudas silvestres vindas de áreas próximas onde estavam amontoadas e foram mortas por competição.

Fontes

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado da Câmara dos Deputados, 1988.

BRASIL. Lei nº 11.997, de 2010. Lei de Proteção do Pantanal.

BRASIL. Lei nº 11.997, de 2010. Lei de Proteção do Pantanal. Brasília, DF: Senado da Câmara dos Deputados, 2010.

BRASIL. Lei nº 11.997, de 2010. Lei de Proteção do Pantanal. Brasília, DF: Senado da Câmara dos Deputados, 2010.



CABANÓIA
ARBUSTIVAS



CAVALO-DO-PANTANAL
(M. REICHERTUS D. CHOTEAU)

RPPN Sesc Pantanal

Qual é o objetivo da RPPN Sesc Pantanal?

O Sesc Pantanal é uma RPPN que sempre teve como objetivo a conservação de vida, mas atualmente tem como foco a conservação da biodiversidade e a preservação do patrimônio natural do Pantanal.

O Sesc Pantanal é uma RPPN que sempre teve como objetivo a conservação de vida, mas atualmente tem como foco a conservação da biodiversidade e a preservação do patrimônio natural do Pantanal.

Laboratório a céu aberto

O Sesc Pantanal é uma RPPN que sempre teve como objetivo a conservação de vida, mas atualmente tem como foco a conservação da biodiversidade e a preservação do patrimônio natural do Pantanal.

O Sesc Pantanal é uma RPPN que sempre teve como objetivo a conservação de vida, mas atualmente tem como foco a conservação da biodiversidade e a preservação do patrimônio natural do Pantanal.

Benefícios para a humanidade

O Sesc Pantanal é uma RPPN que sempre teve como objetivo a conservação de vida, mas atualmente tem como foco a conservação da biodiversidade e a preservação do patrimônio natural do Pantanal.

A vida acontece com o Sesc



SOMOS TODOS HABITANTES DESSAS ÁGUAS

ARTISTAS DO ACERVO

Adir Sodré
Alcides Pereira
Antônio Poteiro
Benedito Nunes
Clóvis Irigaray
Elson Figueiredo
Gervane de Paula
Humberto Espindola

João Castilho
Jonas
Márcio A.
Miguel Penha
Nilson Pimentel
Regina Penha
Roberto de Almeida
Rosa Altamira

Concepção e Curadoria G.
Ruth A. Bernz

SOMOS TODOS HABITANTES DESSAS ÁGUAS

ARTISTAS DO ACERVO

Adri Sodré
Alcides Pereira
Antônio Poteiro
Benedicto Nunes
Cláudio Irigoyen
Elson Figueiredo
Gervane de Paula
Humberto Esquivela

João Sebastião
Jorge Barros
Mário Aurélio
Miguel Pinho
Nilson Pinheiro
Regina Porto
Roberto de Almeida
Ruth Alencar

Osvaldo
Ruth Barros

Fundação Getúlio

Exposições
Ruth Barros



SEMPRE







Obra de HIRIBARA
em exposição permanente
na Galeria de Arte da
UNICAMP





JARDIM INTERNO (JARDIM DOS SENTIDOS)

O Jardim dos Sentidos trata-se de uma obra de arte viva composta por elementos naturais associados à paisagem do Pantanal resumida em uma grande instalação de arte viva, isso porque a vegetação foi empregada como matéria prima para ambientação do espaço, aproximando-se visualmente dos aspectos naturais do bioma Pantanal.

Nessa ambiência, a vegetação empregada é composta por espécies rústicas, de simples manutenção e com características visuais (textura) próximas a vegetação pantaneira, além da inclusão de algumas espécies de uso medicinal e alimentício, relacionadas a elementos da cultura ribeirinha.

Para formação do “teto” do jardim, foram escolhidas espécies arbustivas de pequeno porte dado ao pouco espaço disponível, sendo utilizadas *Dracena arbórea* (*Dracaena* sp.), *Dracena fita* (*Dracaena reflexa*) e *Ipê amarelo cascudo* (*Tabebuia chrysotricha*).

Os arbustos que compõem a segunda camada, possuem a função de delimitar alguns espaços e dentre eles estão o *Viburbo* (*Viburnum tinus*), planta rústica e compacta que cria um anteparo entre a mureta da passarela e a parte interna do jardim, emoldurando parcialmente o espelho d'água e o tronco de uma árvore adulta existente no local.

Demais arbustos estão representados pela *Dianela verde* (*Dianella* sp.), planta herbácea entouceirada que emoldura o banco de concreto e o *Mini-jasmim* (*Trachelospermum jasminoides*), com folhas verdes lustrosas e flores brancas pequeninas, emoldurando a obra “Murundu”.

Demais arbustivas estão locadas no canteiro em frente da parede de vidro da galeria, representadas por plantas de uso medicinal e alimentício. Dentre as espécies estão a *Babosa* (*Aloe vera*), *Cidreira* (*Cymbopogon citratus*), *Alecrim*, (*Rosmarinus officinalis*) e *Cavalinha* (*Equisetum* sp.). Para complementar, como ornamentação de bordadura, foi utilizado o *Abacaxi-roxo* (*Tradescantia spathacea*) planta de textura peculiar e efeito geométrico em forma de rosetas trazendo contraste ao espaço.

As outras forrações utilizadas para acabamento e proteção do solo foram *Gramma amendoim* (*Arachis repens*), bordeando o espe-



lho d'água e Grama São Carlos (*Axonopus compressus*) como forração rústica resistente ao pisoteio, locada no espaço restante que permitirá a passagem para manutenção do espelho d'água. Mudanças da forração Liriope (*Liriope spicata*) foram utilizadas como cobertura dos demais espaços vazios entre as mudas de trepadeiras.

A trepadeira utilizada para fazer a cobertura do gradil foi a Padora (*Pandorea jasminoides*), cujas flores lembram o Algodão-bravo (*Ipomoea carnea*) do Pantanal.

No espelho d'água, foram distribuídas macrófitas como Aguapé (*Eichhornia crassipes*), Alface d'água (*Pistia stratiotes*) e a Lentilha d'água (*Salvinia* sp.), que no ambiente pantaneiro se juntam formando camalotes nos rios e corixos do Pantanal.

Lista das espécies

Abacaxi-roxo (*Tradescantia spathacea*)
Alecrim (*Rosmarinus officinalis*)
Alface d'água (*Pistia stratiotes*)
Aguapé (*Eichhornia crassipes*)
Babosa (*Aloe vera*)
Cidreira (*Cymbopogon citratus*)
Cavalinha (*Equisetum* sp.)
Dianela verde (*Dianella* sp.)
Dracena arbórea (*Dracaena* sp.)
Dracena fita (*Dracaena reflexa*)
Grama amendoim (*Arachis repens*)
Grama São Carlos (*Axonopus compressus*)
Ipê amarelo cascudo (*Tabebuia chrysotricha*)
Lentilha d'água (*Salvinia* sp.)
Liriope (*Liriope spicata*)
Mini-jasmim (*Trachelospermum jasminoides*)
Padora (*Pandorea jasminoides*)
Viburbo (*Viburnum tinus*)

Édina Gomes da Silva
Engenheira Florestal, mestre em Ciências Florestais e Ambientais
Esp. em Paisagismo e Propagação de Plantas Ornamentais
Esp. em Educação Ambiental



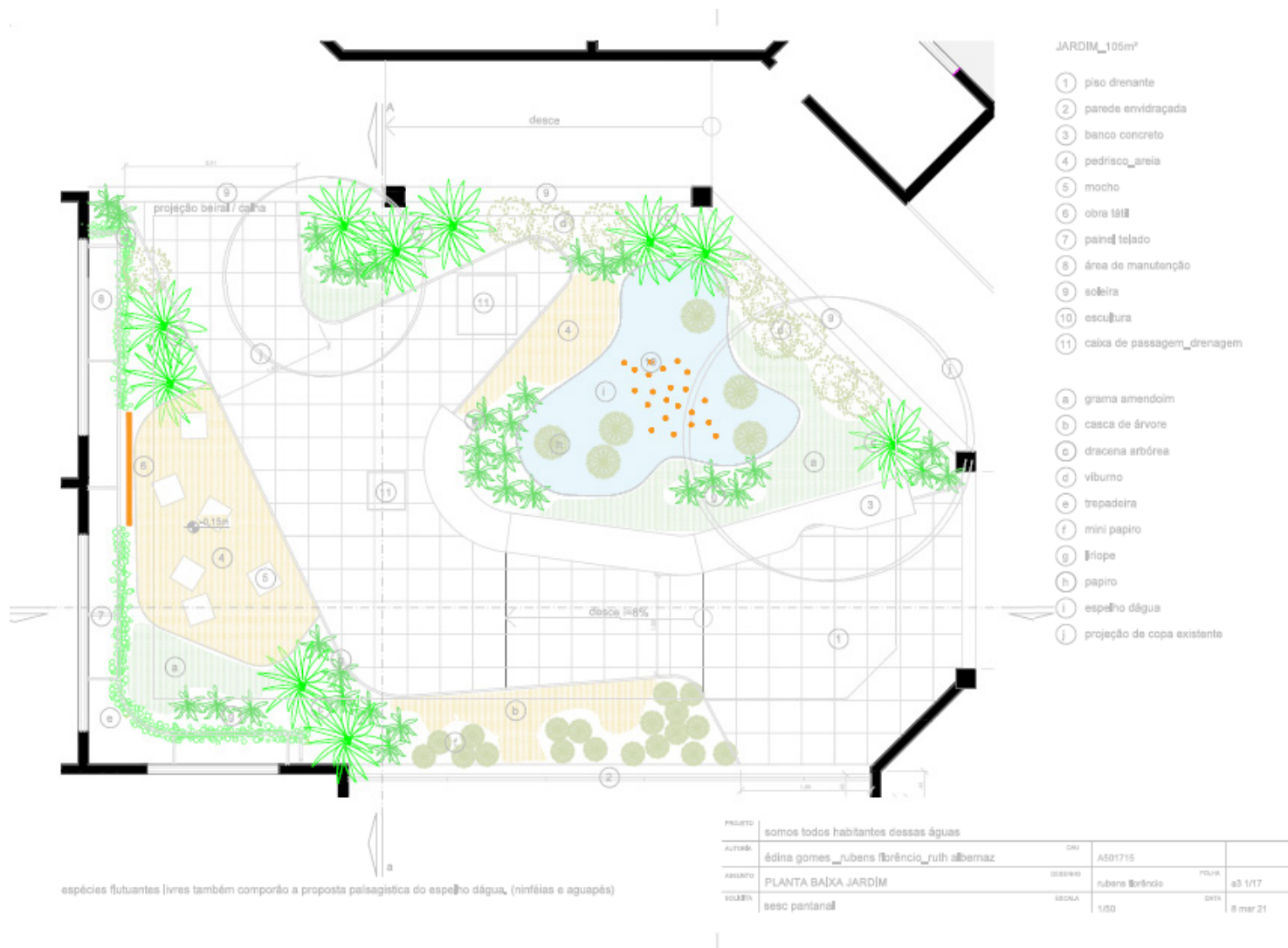
Édina Gomes

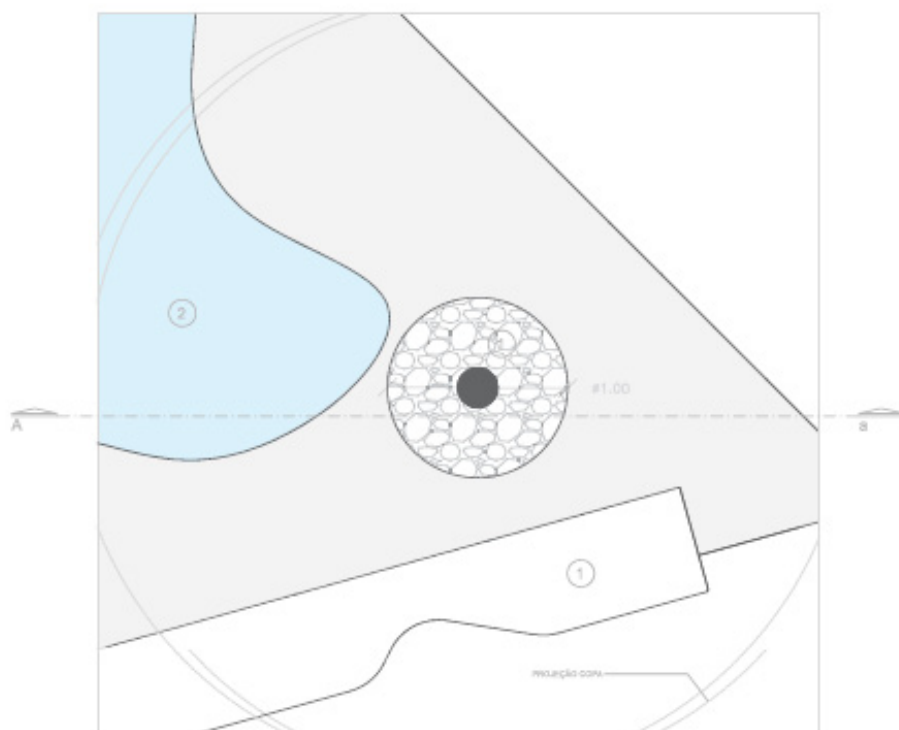
(Toledo-PR, 1963)

Engenheira Florestal, mestre em Ciências Florestais e Ambientais (UFMT) com especialização em Propagação de Plantas Ornamentais e Paisagismo (UFLA-MG). Consultora técnica na área florestal em especial na área de Silvicultura Urbana (arborização/parques e jardins) e licenciamento ambiental.

Foi servidora pública do município de Cuiabá e participou na elaboração do Plano Diretor, atuando na gestão municipal como Diretora de Meio Ambiente e Coordenadora do Horto Florestal, ambos na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano – SMADES. Foi professora universitária por 18 anos, ministrou as disciplinas de Ecologia Urbana e Projeto de Paisagismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Ambientação de Jardins no curso Desing de Interiores (Universidade de Cuiabá – UNIC).

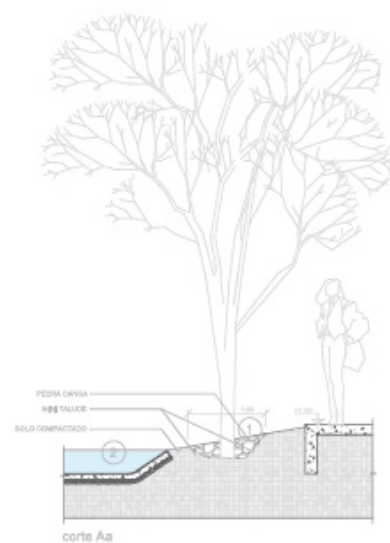
Como Educadora ambiental, atuou no Terceiro Setor na coordenação de Projetos de Educação Ambiental de Parques Estaduais (MT) realizando junto a comunidades tradicionais treinamentos, cursos e palestras. Atualmente é Coordenadora Técnica Ambiental no Sesc Mato Grosso.





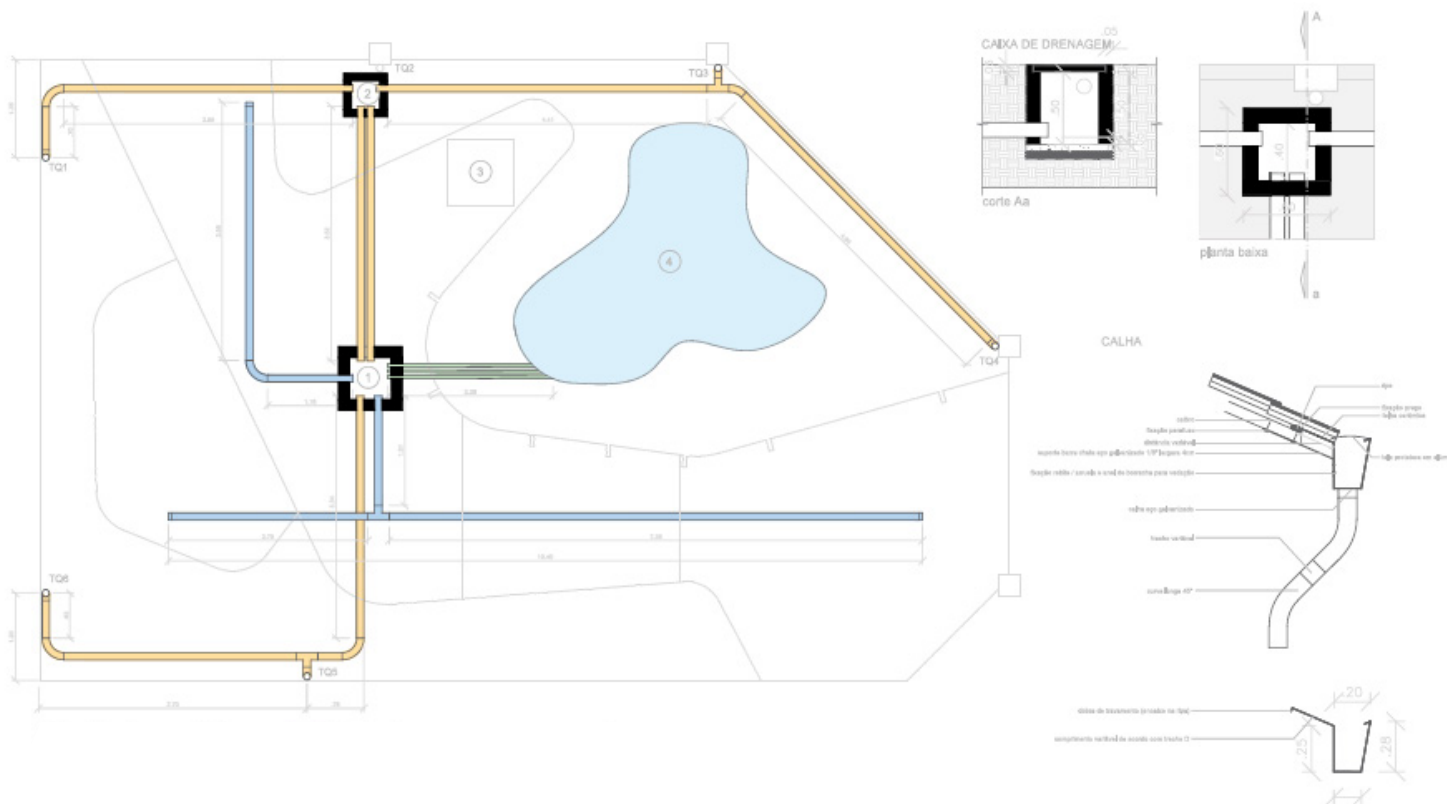
vista superior

- ① dreno árvore
- ② espelho d'água
- ③ banco



corte Aa

PROJETO	somos todos habitantes dessas águas		
AUTORA	édina gomes_rubens florêncio_ruth albernaz	DATA	A501715
ASSUNTO	DRENO ÁRVORE	DESENHO	rubens florêncio
SOLUBIL	sesc pantanal	ESCALA	1/25
		DATA	8 mar 21



- 1 caixa de drenagem existente
 - 2 caixa de drenagem a ser construída
 - 3 caixa de passagem
 - 4 espelho d'água
- ladrão tubo 40mm
■ dreno subterrâneo tubo 100mm perfurado
■ captação calhas tubo 100mm
 TQ tubo de queda (condutor)

QNT	PEÇA
8	curva curta 100mm
4	curva longa 100mm
3	18 100mm
3	cap PVC 100mm
13	curva longa 45° 100mm
40m	tubo 100mm
7m	tubo 40mm
20m	tubo 100mm TQ

PROJETO	somos todos habitantes dessas águas		
AUTORA	édina gomes_rubens florêncio_ruth albernaz	GRU	A501715
ASSINTO	DRENAGEM	DESENHO	rubens florêncio
SOLUÇÃO	resc pantanal	ESCALA	1:50
		DATA	8 mar 21















O Jardim dos Sentidos é um trabalho artístico vivo, concebido pela artista visual e bióloga Ruth Albernaz com a colaboração de uma equipe multidisciplinar. O arquiteto Rubens Florêncio foi responsável pela expografia, utilizando elementos visuais da paisagem pantaneira; a engenheira florestal e paisagista Edina Gomes cuidou da consultoria botânica; a ceramista Ludmila Brandão produziu os objetos cerâmicos e o Grupo UFA foi responsável pela execução dos cortes das materialidades em aço corten.

A obra propõe um espaço-tempo de pausa e contemplação, tempo para refletir a respeito da conservação da biodiversidade do Pantanal. Ao mergulhar na obra, podemos observar as formas, cores, texturas e cheiros que transmite aos sentidos elementos da natureza, estabelecendo uma conexão multissensorial. Este trabalho é fundamentado no conceito de Land Art para destacar aspectos da cultura pantaneira e ribeirinha, como algumas espécies cultivadas em quintais, valorizadas por suas propriedades medicinais, alimentares e ornamentais. As espécies foram selecionadas e organizadas como um roteiro para arte-educação ambiental, com potencial para mediação ou auto mediação.

O espelho d'água foi concebido a partir de imagens aéreas da RPPN Sesc Pantanal, reproduzindo as formas orgânicas das baías e alagados da planície pantaneira. Em seu interior, encontra-se uma escultura em aço corten intitulada "É no Pantanal que nascem os pássaros", que representa biguás junto a um ninho feito de fios de cobre e ovos cerâmicos, envoltos por plantas aquáticas e pequenos peixes do Pantanal.

Ao fundo do jardim, ergue-se uma escultura de aço corten de grandes dimensões (300 x 360 x 150 cm), intitulada "Murundu". A obra

faz referência aos campos de murundus, microtopografias circulares ou elípticas que ocorrem nas paisagens do Pantanal e do Cerrado. Um cupinzeiro de cerâmica vitrificada foi instalado para promover a discussão sobre o papel ecológico das térmitas na formação desses campos. Estas áreas são de grande importância por fornecerem diversos serviços ambientais, como a agregação de fauna e flora endêmicas, o armazenamento e a regulação do fluxo de água na bacia hidrográfica, a filtração e retenção de detritos e poluentes, a intensa atividade biológica e o armazenamento de carbono. Três árvores em corten representam Manduvis em diferentes estágios de crescimento – uma espécie-chave para a conservação das araras-azuis do Pantanal e fonte de alimento para diversas aves.

Projeto: Somos Todos Habitantes dessas Águas Jardim dos Sentidos

Artista: Ruth Albernaz

Categoria: Instalação site specific para o Sesc Pantanal

Ano: 2022/24

Materiais: Aço Corten, cerâmica vitrificada, terra, folhas, ninhos de fios de cobre e arame, água, cimento, plantas medicinais, plantas de quintal, piso drenante, banco de cimento.



A natureza educacional dos acervos institucionais de arte colaboram com a manutenção da memória, reafirmação das identidades culturais, fruição, pesquisa e ações arte-educativas. O acervo do Sesc Pantanal traz narrativas da cultura do Estado de Mato Grosso, a qual está em constante transformação. Sua construção ocorreu ao longo de quase três décadas, a partir de múltiplos olhares que tecem a história do Polo Socioambiental do Sesc Pantanal. As obras de arte que o compõem são pinturas, murais, desenhos, instalações, serigrafias, fotografias e esculturas. Os artistas que estão representados no acervo são, em sua maioria, habitantes dos territórios mato-grossenses na área de abrangência do Cerrado e Pantanal.

A exposição Somos Todos Habitantes Dessas Águas tem em seu título um convite à consciência de que somos seres com mais de 70% do corpo composto por água

feita a partir do acervo do Sesc Pantanal com seleção de três eixos temáticos: o primeiro, biodiversidade, reúne obras que trazem representações das paisagens naturais do Cerrado, Pantanal e Amazônia, biodiversidade que ocorre nessas paisagens e impactos ambientais; o segundo eixo é composto por obras que narram festas populares, cenas do cotidiano, brincadeiras e atividades econômicas tradicionais; e o eixo que conta a história da RPPN Sesc Pantanal por meio do painel com a linha do tempo e exposição de documentos históricos da reserva.

Este catálogo reúne as obras, mini biografias e textos que podem ser usados como uma ferramenta pedagógica para conhecer arte, conviver, ativar a imaginação e promover diálogos em sala de aula, em oficinas artísticas ou em momentos de estudo e fruição. Para buscar a compreensão do que pode nos dizer as obras, proponho alguns passos simples para uma mediação ou auto-mediação:

Escolha uma obra que você gostou muito e outra que o incomodou com sensações diversas;

Leia a mini biografia dos artistas para extrair informações como, onde os/as artistas nasceram e onde vivem? Quais suas experiências como artistas?

Volte nas obras que escolheu (a que mais gostou e a que gerou algum incômodo) e procure observar a paleta de cores desenvolvida pelo artista;

Após perceber a paleta de cores, se atente ao formato da obra: é bidimensional ou tridimensional? A obra é grande ou pequena?

Quais são as materialidades utilizadas na obra?

Quais as imagens a obra apresenta? Quais os assuntos podem ser percebidos nessas obras?

As obras escolhidas dialogam com outras obras da exposição? Quais? Por que?

Anote suas observações e dialogue com as demais pessoas que estão vivendo a mesma

experiência que você.

Por meio desses questionamentos podemos contribuir com o desenvolvimento dos repertórios e formas de olhar para arte, cultura e a vida.

Ruth Albernaz
Curadora da Exposição



Ruth Albernaz

(Cuiabá – MT, 1972)

É artista e arte-educadora ambiental. Realiza curadorias, expografias e programas educativos. É pós-doutora em Ensino na Amazônia (IFMT, 2021/22) com pesquisa em cartografia de artistas da Amazônia Legal; doutora em Biodiversidade e Biotecnologia na Amazônia com pesquisa junto ao povo indígena Rikbaktsa (2016); e mestre em Ciências Ambientais com pesquisa etnoecológica no Pantanal de Mato Grosso (2010). Principais curadorias: Memória Biocultural: narrativas e resistências em 50 anos de Macp-UFMT, Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso – Macp/UFMT (2024/2025); Somos Todos Habitantes dessas Águas, galeria do Sesc Pantanal, Poconé-MT (2024/2025); Compassos Pantaneiros no Ritmo das Águas, Centro Cultural da Embaixada do Brasil em La Paz, Bolívia (2023); Exposição Coletiva Bio, 2ª Edição – Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso – Macp/UFMT (2023); XXVI Salão Jovem Arte de Mato Grosso – Despertar Discos Imaginais, disponível em www.discosimaginais.com, Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso (2021); Exposição Coletiva Artistas do Cerrado, edital Lei Aldir Blanc, Casa di Rose, Chapada dos Guimarães, MT(2021); Exposição virtual Corpo: Lar Temporário pela plataforma de Cultura e Vivência da Universidade Federal de Mato Grosso – PROCEV/UFMT (2020); Exposição de longa duração site specific Poética Pantaneira, Sesc Pantanal (2020); Exposição em Homenagem à Marília Beatriz, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT (2019); Exposição Individual “Da sonoridade à cor: o que conhecemos de João Pedro Arruda?”, Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso, julho a outubro (2019); Montagem da Exposição itinerante Brinquedos do Brasil, Sesc Pantanal (2019); Exposição Individual “Metamorphosis” de Regina Penna, galeria do Sesc Arsenal (2019); Consultoria especializada na Ex-

posição O olhar cria esquinas para o azul – Homenagem à Wladimir Dias-Pino pelo MACP-UFMT (2018); Exposição coletiva de Arte Híbrida “Para encontrar o azul eu uso pássaros” – homenagem ao centenário de Manoel de Barros, Museu de Arte e de Cultura Popular – MACP/UFMT, (2018); Exposição Individual Toda Forma de Amor Valerá, de Rosylene Pinto, galeria do Sesc Arsenal e Galeria do Sesc Rondonópolis – MT(2017); Exposição Individual Mar calmo nunca fez bom marinheiro, de Rodolfo Carli, Museu Histórico de Mato Grosso (2016); Exposição Coletiva Natureza Substantivo Feminino, Museu de Arte de Mato Grosso (2016); Exposição Individual Oníricas, de Sálvio Júnior, Museu Morro da Caixa D’água Velha, Cuiabá – MT (2015); Exposição Coletiva Fecundo Cerrado, dos artistas Benedito Nunes, Carlos Lopes, Guadá Senatore, Rosylene Pinto e Ruth Albernaz, Museu Morro da Caixa D’água Velha, Cuiabá – MT (2014).

Sopros de cores

Dialogar com as cores é um presente quando procuramos estabelecer caminhos sensoriais para a apreciação estética. Se, desde a infância, exploramos o mundo na perspectiva visual como forma de significar o mundo, é válido e viável para todas as pessoas ativarem o âmbito da memória sensorial no encontro com a Arte.

Este ensaio criativo pretende fomentar experiências tendo como guia as cores: o azul, o marrom e o verde. Três cores para realçar o vento em nossa navegação. Cada uma das cores perpassam as obras, as quais nos conduzem a questionamentos sobre o contato com as paisagens, os animais e os sopros latentes de vida compartilhadas na exposição “Somos todos habitantes dessas águas”, de curadoria da artista-bióloga Ruth Albernaz.



Sopros de azul

Vocês já sentiram as tonalidades de azul? Conseguem quantificar quantos azuis conhecem? Poderiam pensar em um tom de azul que lhe chame mais atenção? Habitamos o planeta Terra imbuídos de azuis, reparou?



Os azuis mais esquecidos, aqueles dos costumes e que pouco vemos, como por exemplo do céu, na circularidade do tempo. Azuis que começam e terminam um dia de tantas vidas. Os azuis nos dizem sobre movimentos e aporias. Observem a obra de Regina Pena, há um conjunto de azuis celestes que iluminam a fascinação no enigma: de azul reveste-se uma imagem feminina feita com escamas de

peixes ou de cobras? Como pode um turbante de tatu na cabeça? Como os azuis na cena trazem o fantástico ao corpo-híbrido apresentado?

Sopros de marrom

Vocês já repararam na cor marrom? Os marrons dos caules das árvores? Os tons marrons dos solos terrosos? Observem a obra tridimensional de Roberto de Almeida, num conjunto de texturas variadas um tatu monumental se apresenta para nós.

Os tons de marrom se ajustam às texturas de cada parte do animal, conseguem notar? Será

um animal em tamanho real? Como uma tora de madeira é entalhada e transformada em um animal? As árvores além de folhas, frutos e flores podem também ser obra de arte?

Observamos de perto um tatu, ele é um animal em extinção? O tatu é um ser que cria abrigos em tocas e buracos, sabia? Suas patas moldam grandes escavações. Quem nunca sonhou em montar suas próprias tocas com as mãos e os pés? Quais outros animais conheço com a cor marrom? Se olharmos as expressões do tatu esculpido, ele está sereno ou hesitante? E, ainda, há alguma relação com a obra da artista Regina Pena e seus azuis? Em qual direção o tatu busca explorar?

Sopros de verde

Vocês já sentiram as tonalidades de verde? Conseguem observá-las no cotidiano? Onde encontramos o verde? Nas áreas de convívio com a natureza, a cor verde impera aos olhos. Árvores frondosas em folhas verdes, durante o período da chuva. Campos com extensas vegetações.

Observem as obras da artista Ruth Albernaz. Há três partes que juntas formam uma única estrutura visual em diálogo. Conseguem identificar as três partes propostas? Começamos com uma tela pintando uma paisagem pantaneira coberta de verde, pássaros e um campo inundável. Na segunda parte, dando sustentação a tal paisagem, uma prateleira de aço corten com cinco pequenos objetos, dos quais, um tijolo com marcas de patas de mão pelada, duas garrafas com sementes de árvores Jatobá e Sucupira e uma com água do Pantanal; uma gamela pintada com fundo azul e com o poema visual “Água, sonhar a beleza da vida” em formato espiralado na cor branco, acompanhados de grafismos de pássaros e flores. Os grafismos do prato sugerem a continuidade do poema visual na parede expositiva, onde lê-se nomes de variados animais, como por exemplo, “gavião, curicaca, pica pau, capitão, tuiuiu, jaçanã, jacu, cabeça seca” e culmina em dois ninhos de japuira feitos de fios e suspensos.



O verde guia nossos olhos para uma narrativa minuciosa. Acharam quantos pássaros no verde dos campos inundáveis? Conseguem identificar quais são as espécies vegetais na paisagem? Na árvore o verde brinca com o vermelho, reparou? Vejam a profundidade que as tonalidades de verde dão à paisagem? Percebem que o verde toca o céu cheio de nuvens que anunciam a chuva, ou a água? Notaram alguma relação entre as obras de Regina Pena e Roberto de Almeida? Há a apresentação de um ecossistema vivo e pulsante.

Sopros de cores: azul, marrom e verde

Ao habitarmos espaços, nós criamos narrativas. Nós geramos paletas de cores em nossa memória afetiva quando as observamos. Trazer as cores, azul, marrom e verde, para este mergulho na miríade da arte mato-grossense – e nas águas do Pantanal – nos propõe um navegar pelos ciclos da vida e, ao mesmo tempo, um aprofundar em águas de encantos em cores. Ao formar, em nossa compreensão, um ciclo de colorações no fluir das intermináveis profundezas da vida de todos os seres, em sopros de cores.

Livia Bertges



Livia Bertges

(Juiz de Fora-MG, 1987)

Livia Bertges é professora, pesquisadora, escritora e arte-educadora. Atualmente, é docente em nível superior com enfoque no ensino de poesia a partir do diálogo interartes. Colabora em projetos curatoriais educativos com experiência na área de arte-educação. Participou do projeto de Residência Artística Casa-Corpo, no Ateliê Livre do MACP/UFMT (2020), como coordenadora junto a artista visual Ruth Albernaz. Curadora do Prêmio Rodivaldo Ribeiro de Literatura (2021) junto a equipe editorial da Revista Eletrônica Ruído Manifesto. Ministrou oficinas de escrita criativa no âmbito das ações do Coletivo Literário Maria Taquara (Mulherio das Letras - MT). Dedicou-se à curadoria de projetos educativos com destaque no projeto Bio 2 de Ruth Albernaz e convidadas, no Museu de Cultura e Arte Popular - UFMT (2023). É pós-doutora em Ensino de Literatura no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEn), do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), com bolsa do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação na Amazônia Legal (PDGD/CAPEs). Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT), com participação no Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior (PDSE/CAPEs) na Sorbonne Université (SU). Atuou como professora substituta de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Campus Tangará da Serra).

O que determina o que enxergamos quando olhamos para alguma coisa?

O que determina o que enxergamos quando olhamos para alguma coisa? Calma, eu explico: Quando olhamos para uma árvore seca no cerrado, na estrada para Chapada dos Guimarães, o que determina se vamos sentir tristeza pela paisagem queimada, se vamos ser arrebatados pela beleza complexa dos ciclos de renovação do cerrado, ou mesmo se não vamos dar importância nenhuma para aquilo? O que determina um olhar rápido e um olhar demorado?

Essas perguntas são muito interessantes, pois fazem com que a gente reflita sobre o lugar em que estamos no momento de olhar para uma coisa. Todo mundo sabe que a nossa visão é alterada por sentimentos fortes, não é? Se você está com raiva, aquela pessoa bonita pode se tornar feia e irritante. E se você está apaixonado, a pessoa feia pode se tornar a mais linda! Não é assim? Mas existe mais do que o sentimento? Volte lá, releia a primeira pergunta do texto e depois volte aqui novamente.

E então, além dos sentimentos, que são edições invisíveis que fazemos quando olhamos para as paisagens, o que mais determina o que enxergamos quando olhamos para alguma coisa? A nossa história. Sabia? É verdade! Você não sabia que quando olha para uma coisa toda a sua história olha para essa coisa junto com você? Por exemplo, vamos pegar como base a obra de Jonas Barros. O que você enxerga quando vê? Uma dica é imaginar a perspectiva de quem está olhando, e isso faz toda a diferença. Para mim, se parece com as vezes em que fui banhar de rio e fiquei em cima de umas pedras, me equilibrando, e olhando os peixes nadando contra a correnteza. É uma imagem tão forte, pois parece que saiu direto da minha memória, como se eu já tivesse feito exatamente o que está na obra. E eu fiz! Então, como o Jonas sabia?



A resposta é simples. Ele não sabia. Mas por estar retratando uma vivência comum de

sua história, essa potente imagem também fisgou em minhas memórias que viveram imagens próximas das do Jonas. Percebeu? Você se identificou com algo, também?

E se fizermos outro exercício, agora com obras do artista indígena Miguel Penha Chiquitano? Não se parece, também, que a obra representa algo ou alguém encarando uma paisagem distante?

Gosto dessa obra porque, além dela invocar imagens de natureza e que me fazem lembrar da minha infância no Rio São Lourenço, as cores me levam a imaginar a paisagem sinuosa da mata de manhã em que é possível enxergar somente o que está próximo, pois o restante está encoberto por brumas. Não é assim que começam as relações? Você conhece alguém e primeiramente enxerga

apenas o que está visível, o que está próximo. Conforme o tempo vai passando, você pode enxergar mais profundamente e, no caso da obra, observar que há um barquinho bem ao longe. Não é assim? Podemos dizer, então, que o tempo também determina o que enxergamos quando olhamos algo, por isso o olhar demorado serve como ferramenta importante para a experiência do mundo. Uma coisa pode assumir muitas formas num mesmo dia, e a gente também é assim, é ou não é?

Para fechar nosso passeio pelos campos da visão e tentando responder o que determina o que enxergamos, vamos para uma obra do artista Gervane de Paula.

É possível ver bem que se trata da perspectiva de uma janela. No primeiro plano: nossa, que delícia! Quanta fartura de mangas! E, ao fundo: oh, que beleza! Um esplendor de vida! Um mundo em que os rios são nossas estradas e que tudo vive em perfeita harmonia. Não seria fantástico abrir uma janela e ver um mundo perfeito? Aqui, o que determina o que enxergamos quando olhamos algo é o desejo. Esta força maravilhosa e poderosa que consegue alterar a realidade. E, claro, assim como na obra e na vida, somos seres desejantes. Na prática, dizem que “olhar não tira pedaço”, mas, às vezes, tira sim! Porque é quase sempre pelo olhar que começamos o desejo, mas é de olhos fechados, sonhando, que vamos cultivá-los.

Bom, podemos responder nossa pergunta com três respostas diferentes. O que determina o que enxergamos quando olhamos para alguma coisa? Nossa história e memória; o tempo; o desejo. Agora, você está liberado para tirar os olhos deste texto e seguir olhando o mundo, lento, rápido, devagarinho, com ou sem vontade. Olhe como quem tira, sim, um pedaço para guardar para sempre no músculo da memória.



Caio Augusto Ribeiro
Antropólogo e Arte Educador



Caio Augusto Ribeiro

(Rondonópolis-MT, 1996)

Poeta, antropólogo, professor de literatura, bacharel em ciências sociais pela UFMT e mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, também pela UFMT. Publicou os livros de poemas *Colecionador de Tempestades* (2017), *Manifesto da Manifesta* (2018), *Manifesto da Manifesta: Mundo Livro* (2021) e *Loucos e Sábios: O Livro dos Diamantes* (2021). Nas artes visuais, desenvolve uma pesquisa em poema visual e poema processo, trabalhando também com programas educativos para exposições de artes visuais.

Madeira, tecido de algodão ou sintético, pelos, ferro, tinta e gesso... A receita inicial para a criação de uma pintura. Matéria-prima que, nas mãos do artista, ganha forma, cor e expressão. Mas a verdadeira magia está no olhar — tanto de quem cria quanto de quem observa. Cada pincelada carrega uma história, um sentimento, uma intenção. E, quando a obra ganha vida, convida o espectador a mergulhar nesse universo sensível e cheio de significados.

Através das visitas mediadas da exposição *Somos Todos Habitantes Dessas Águas*, estudantes das escolas de Poconé foram convidados não apenas a apreciar as pinturas de grandes artistas mato-grossenses, mas a olhar além das imagens: o que sentiam ao observar aquelas imagens? O que as cores e os traços lhes contavam? Aos poucos, surgiram histórias: um rio que lembrava a infância, a chuva que refrescava as tardes quentes dos quintais pantaneiros, a importância de cuidar do que nos cerca. A arte, antes distante, tornava-se espelho e convite à reflexão.

A experiência não se limitou às telas expostas — ela se multiplicou nos olhares atentos e nas mãos curiosas dos alunos que participaram desse processo. Ao final de cada visita, receberam mini-telas feitas de lona reaproveitada. Com tintas e pincéis em mãos, puderam transformar em arte tudo aquilo que haviam sentido. Cada tela foi um pequeno universo: havia peixes que dançavam em águas imaginárias, rios repletos de vida, olhos que refletiam o brilho do nosso Pantanal. Alguns pintaram memórias, outros deixaram alertas sobre a preservação da natureza e houve quem apenas se entregasse ao prazer de experimentar cores.

O impacto era visível: estudantes que, no início, passavam pelos quadros com curiosidade tímida, agora sentiam-se parte da exposição. Descobriram que a arte não precisa ser apenas observada — ela pode ser sentida, interpretada e recriada. E assim, as águas dessa exposição seguiram seu curso, desaguardo em novas expressões, novos gestos, novas histórias.

Pois somos todos habitantes dessas águas — e cada um carrega em si um rio de possibilidades.

Cacau Borges
Analista de programas sociais



Cláudia Patrícia de Oliveira Borges Costa

(Alto Paraguai-MT, 1982)

Cláudia Borges Costa, ou como prefere ser chamada, Cacau Borges é produtora e empreendedora Cultural, formada em Direito pela Universidade de Cuiabá, e, atualmente estudante de Arte Educação. Sua trajetória na cultura teve início em 2006, no Núcleo de Estudos Teatrais do Grupo Tibanaré (Cuiabá-MT), onde começou a explorar o universo das artes cênicas.

Inicialmente conciliando sua atuação no meio jurídico com o cenário artístico-cultural, decidiu dedicar-se integralmente à cultura, acumulando experiência na produção e gestão de projetos em diferentes linguagens. Seu portfólio inclui a execução de iniciativas viabilizadas por editais, como festivais de teatro (Zé Bolo Flô), festivais de cinema (Cinemato) e circulação nacional de espetáculos (Banco da Amazônia).

Entre 2015 e 2019, foi Analista de Programas Sociais no Centro Cultural Sesc Arsenal, onde esteve à frente da área de artes cênicas. Nesse período, integrou a equipe de curadoria do Festival Palco Giratório, o maior festival de circulação de artes cênicas da América Latina, além de participar de projetos relevantes como Amazônia das Artes e Aldeia Guaná.

Durante o período da pandemia, criou a marca de joalheria artesanal em durante a pandemia a Mis-Urbana Composições, marca especializada em joalheria de prata 925.

Em 2022 voltou a exercer a função de Analista de Programas Sociais mas agora em um dos polos de referência do Departamento Nacional do Sesc, o Polo Socioambiental Sesc Pantanal, onde desenvolve ações que conectam arte, educação e sustentabilidade, ampliando o impacto social e cultural por meio de projetos inovadores.













Maurício Mota

(Cuiabá – MT, 1972)

Maurício Mota é formado em publicidade e propaganda pela Universidade Federal de Mato Grosso. Iniciou seus trabalhos profissionalmente como bolsista em 2009 e posteriormente designer gráfico contratado da UFMT, na Secretaria de Tecnologias da Informação, através do projeto Pedagogia Brasil e Japão. Em 2016, assume o cargo de Técnico em Artes Gráficas, na gráfica da UFMT. Em 2019 é convidado para assumir a Gerência de Projetos Culturais da UFMT, cargo ocupado até novembro de 2020. Ocupou o cargo de supervisor de artes e mídias da UFMT, e atualmente trabalha com design gráfico no Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT. Atua como ilustrador, designer gráfico e artista visual. Destaca entre seus trabalhos, os catálogos em homenagem à Wladimir Dias-Pino e João Pedro Arruda, Revista LE!A do Sesc, podcast “eu conto de cá” e a identidade visual do 26º Salão Jovem Arte MT 2021.



Wallace Marquis

(Nova Iguaçu-RJ, 1999)

Wallace Marquis (Wally Marquis) é publicitário, estudante de Ciências Sociais na UFMT e criador de conteúdos digitais, com mais de cinco anos de atuação no mercado cuiabano. Sua experiência transita entre o design gráfico, audiovisual e a produção de narrativas para diferentes plataformas, unindo técnica, criatividade e olhar crítico.

É idealizador do canal *Diário de um Loser*, onde compartilha experiências pessoais, culturais e acadêmicas, além de roteirizar e editar vídeos que misturam humor, informação e identidade. Suas pesquisas se voltam à Sociologia das Religiões, ao cinema, às estéticas sombrias e religiosas nas artes, além das culturas clássicas e ancestrais. Em 2024, participou também de uma pesquisa pontual sobre desigualdade de gênero nas Ciências Exatas.

Na cena artística, integra o Penumbra – Grupo de Teatro de Sombras dirigido pela atriz e diretora Juliana Graziela, explorando o potencial expressivo da luz e da silhueta. Já na comunicação falada, foi apresentador dos podcasts *esculaXo* e *Conexões*, com diálogos sobre cultura, política e sociedade.

Também integra a equipe do site *O Bom da Notícia*, onde contribui com textos na editoria de cultura e atua na produção dos podcasts da casa. É responsável pela edição dos episódios e opera as transmissões ao vivo.

AEROPLANO. Pequeno dicionário do povo brasileiro, século XX. Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

ALCIDES PEREIRA DOS SANTOS. Fonte: Galeria Estação. Disponível em: <https://galeriaestacao.com.br/pt-br/artistas/>.

ALMANAQUE CUIABÁ. Roberto de Almeida: fauna e capacidade de desenvolver formas e movimento nas telas. Disponível em: <https://almanaquecuiaba.com.br/roberto-de-almeida-fauna-e-capacidade-de-desenvolver-formas-e-movimento-na-telas/>.

ANTÔNIO POTTIERO. Fonte: Curta Mais. Disponível em: <https://curtamais.com.br/goiania/conheca-a-historia-de-antonio-poteiro-que-inspirou-a-criacao-da-casa-de-vidro-em-goiania/>.

CULTURA UFMT. Exposição virtual: a arte de Márcio Aurélio. 2 set. 2020. Disponível em: <https://culturaufmt.wordpress.com/2020/09/02/exposicao-virtual-a-arte-de-marcio-aurelio/>.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Alcides Pereira dos Santos. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22236/alcides-pereira-dos-santos>.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. João Sebastião. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2175-joao-sebastiao>.

ESCRITÓRIO DE ARTE. João Sebastião Francisco da Costa. Disponível em: <https://www.escrioriodearte.com/artista/joao-sebastiao-francisco-da-costa>.

EXPOSIÇÃO IRIGARAY MESTRE. Exposição Irigaray Mestre. Disponível em: <https://exposicaoirigaraymestre.com/>.





**A vida
acontece
com o Sesc**



**Polo
Socioambiental
Sesc Pantanal**



ISBN 978-3-16-148410-0



9 783161 484100